

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

FERNANDA DOS SANTOS BELO

**WEBTELEJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES DA  
COPA DAS CONFEDERAÇÕES EM BELO HORIZONTE**

Monografia

Mariana

2016

FERNANDA DOS SANTOS BELO

**WEBTELEJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES DA  
COPA DAS CONFEDERAÇÕES EM BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Mariana

2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

B452w Belo, Fernanda dos Santos  
Webtelejornalismo e as manifestações da Copa das Confederações  
2016em Belo Horizonte [manuscrito]/ Fernanda dos Santos  
Belo.-Mariana, MG, 2016.

54 f.: il., fotos.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo  
e Serviço Social DECSO/ICSA/UFOP

1. Jornalismo eletrônico. 2. Narrativas pessoais.  
3. Linguagem. 4. MEM. 5. Monografia. 6. Copa das Confederações  
(Futebol). I.Rocha, Adriano Medeiros da. II.Universidade  
Federal de Ouro Preto. \$b Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 659.3

Fernanda dos Santos Belo

Curso de Jornalismo - UFOP

**WEBTELEJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES DA COPA DAS  
CONFEDERAÇÕES EM BELO HORIZONTE**

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha.

Banca Examinadora:

Adriano Medeiros da Rocha  
Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Denise Figueiredo  
Profa. Dra. Denise Figueiredo de Barros Prado

Monique Ferreira Campos  
Ma. Monique Ferreira Campos

Mariana, 15 de março de 2016.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e coragem para essa caminhada. Só Ele sabe das alegrias e tristezas vividas.

À minha mãe, meu maior exemplo na vida, por sempre acreditar em mim e no meu sonho. Por estar ao meu lado em todos os momentos e pelas sábias palavras de acalento.

Ao meu pai, pela confiança e pelo apoio necessário para que minha formação fosse possível.

Ao meu irmão por me dar a ousadia de querer ser exemplo para alguém.

Ao meu namorado por estar comigo nessa etapa e por ter feito despertar em mim o sentimento mais sincero.

Às famílias Belo e Santos pelo carinho e toda preocupação.

Ao meu querido orientador Adriano Medeiros, por confiar em mim e fazer possível esse trabalho.

Aos professores da UFOP, por serem alcançáveis aos alunos e pelo conhecimento transmitido nesses anos.

À UFOP que me deu a possibilidade de realizar um sonho.

Às amigas que fiz em Mariana e tornaram essa jornada mais amena e também mais divertida. Bic, Marllon, Dai, Fran, Dani, Lidy e Isadorinha. Levarei vocês sempre comigo.

Aos colegas de sala, Jornalismo 11.2, pelos trabalhos, conversas e união.

Àqueles que mesmo com a distância sempre se fizeram presente na minha vida: as Coxinhas de Jacaré e as amigas de Recife.

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte desses anos ao compartilhar momentos e histórias que deixarão saudades.

“Sem sonhos, a vida não tem brilho (...)”.

*Augusto Cury*

## RESUMO

Esta pesquisa promove uma análise semiológica a partir da construção narrativa de quatro vídeos produzidos por diferentes autores durante as manifestações ocorridas na Copa das Confederações, de 2013, na cidade de Belo Horizonte. Para o processo de análise foram usados três sentidos constitutivos: narrativo, visual sonoro e ideológico. Para que o estudo de caso fosse possível, o estudo aborda conceitos relacionados ao telejornalismo na *web*, as práticas colaborativas e as narrativas independentes de construção de conteúdo na rede, bem como o uso do audiovisual como instrumento ideológico através da difusão pela internet.

**Palavras-chave:** Webtelejornalismo; Práticas colaborativas; Narrativas independentes; Linguagem audiovisual; Copa das Confederações.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Entrevistado identificado por narração expõe opinião – Gilvander Luís Moreira (26 de junho de 2013).....	42
<b>Imagem 2:</b> Movimentação da câmera – BH nas Ruas (22 de junho de 2013).....	44
<b>Imagem 3:</b> Espaço narrativo: correria e confusão – Deejays e Compania (22 de junho de 2013).....	47
<b>Imagem 4:</b> Narrador expõe opinião – Rodrigo Sousa (22 de junho de 2013).....	49



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>07</b>
<b>1. Webtelejornalismo.....</b>	<b>09</b>
1.1 Características do jornalismo na <i>web</i> e o produto audiovisual.....	12
1.2 Convergência midiática.....	17
<b>2. Práticas colaborativas e a produção audiovisual na web.....</b>	<b>19</b>
2.1 Mídia Ninja e sua forma de discurso.....	22
<b>3. Narrativas independentes criadas nas manifestações da Copa das Confederações em Belo Horizonte .....</b>	<b>29</b>
3.1 BH nas Ruas.....	30
3.2 Rodrigo Sousa.....	32
3.3 Gilvander Luís Moraes.....	34
3.4 Deejays e Compania.....	37
3.5 Aproximações entre os vídeos.....	39
3.5.1 Sentido narrativo.....	40
3.5.2 Sentido visual e sonoro.....	43
3.5.3 Sentido ideológico.....	48
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>51</b>
<b>Referências.....</b>	<b>53</b>

## **Introdução**

Inicialmente, o presente trabalho irá estudar o telejornalismo produzido para ser divulgado na *web*, como ponto chave para se perceber as mudanças no papel do telespectador e da própria notícia em sua forma de produção e consumo. Neste caminho, será traçado um contexto histórico do telejornalismo desenvolvido para *web* no Brasil. Assim se tornará importante identificar como o telejornal foi, gradativamente, se apropriando dos recursos disponíveis pela rede ou promovendo adaptações internas ao formato para este novo meio de difusão. Para o mesmo momento reflexivo serão utilizados conceitos ligados ao webtelejornalismo.

Em seguida este estudo irá refletir sobre as características de linguagem da *web*. As definições de interatividade, personalização de conteúdo, hipertexto, multimídia, memória e convergência serão explicitadas, a fim de que se compreenda como essas características estão inseridas na produção audiovisual *online*.

Após essa etapa serão abordados conceitos referentes às práticas colaborativas em rede, nas quais o usuário se posiciona também como agente responsável pela comunicação. Desse modo, ele pode intervir e participar da construção dos conteúdos, o que define processos de produção e distribuição descentralizados. Dessa maneira, o público não apenas encontra ou recebe a informação, mas também a constrói e passa a contar a história de uma maneira mais próxima do seu olhar e voz.

O grupo Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – será utilizado como apoio no que se refere as estruturas de produção narrativa para exemplificar este tipo de prática colaborativa na construção de conteúdo audiovisual para difusão na internet. O grupo é um coletivo com ideal sociopolítico formado no ano de 2011, mas que ganhou maior repercussão nacional ao cobrir os protestos que ocorreram em junho de 2013. Normalmente, seu modo de produção e distribuição acontece dentro dos próprios protestos. O Mídia Ninja foi selecionado como exemplo por ser um dos grupos atuantes de maior reconhecimento dentro desse mecanismo de produção. Nessa parte da pesquisa serão estudadas as características que constroem esse tipo de discurso, a partir da linguagem audiovisual, com um viés na transmissão da informação de maneira mais próxima aos ideais dos movimentos sociais brasileiros ou,

como defende o jornalista Bruno Torturra, de forma mais “independente, crua, honesta e abrangente possível”<sup>1</sup>.

Depois de apresentado o embasamento teórico conceitual, será desenvolvido um estudo de caso que promoverá a análise semiológica de quatro vídeos realizados por agentes não profissionais, durante os protestos da Copa das Confederações de Belo Horizonte, em 2013. Este estudo se propõe a analisar as principais características construtoras da narrativa audiovisual presentes nos vídeos elencados. Algumas questões são trabalhadas neste processo, tais como: de que maneira se dá a estrutura da narrativa desses vídeos? Como as características da internet podem alterar e/ou potencializar a criação de derivações de linguagem para o produto audiovisual? Que tipo de discurso é desenvolvido a partir dessas obras?

Dentro das análises individuais, primeiro, serão descritas partes essenciais dos vídeos, a fim de que seja possível verificar possíveis aproximações ou distanciamentos com as experiências de produção desenvolvidas pelo grupo Mídia Ninja. Na sequência serão analisadas as características da linguagem dessas produções, aplicando a elas três sentidos: narrativo, visual e sonoro, e ideológico. O sentido narrativo busca esclarecer como a história do vídeo é construída. A partir do sentido visual e sonoro pretende-se perceber como os significantes do campo das imagens e dos sons foram utilizados. Já o sentido ideológico examina se no vídeo existe algum tipo de concepção crítica sendo propagada implícita ou explicitamente.

---

<sup>1</sup> Características defendidas pelo jornalista Bruno Torturra, um dos idealizadores do grupo Mídia Ninja no Brasil, durante o programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura, no dia 05 de agosto de 2013. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia\\_Ninja](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja)>. Visualizado em junho de 2015.

## 1. Webtelejornalismo

A *web* e o seu espaço permitem expandir o telejornalismo atual. Na sociedade moderna, não conta-se mais apenas com o horário fixado pela programação de certo telejornal para nos informar, pode-se fazer isso por meio da internet, com o aparelho celular, e a qualquer instante. Com a *web* é possível estar atento a tudo que a televisão produz, acompanhar as informações em seu estágio mais recente, decidir como se informar, além de interagir.

O telejornalismo produzido para ser transmitido na *web* é compreendido por webtelejornalismo. A autora Letícia Renault (2013) sugere que o webtelejornalismo seja um conjunto das práticas jornalísticas, aliadas aos conhecimentos e à rotina que resultam na produção e exibição de um webtelejornal.

A partir dos estudos de Deleuze e Guarrari (1995), Renault (2013) descreve o telejornal na *web* como páginas hipertextuais as quais se subdividem em relação à página principal, chamada de *home*. É na *home* que existem os *links* para as seções – páginas que também constituem o webtelejornal. Letícia Renault (2013) destaca que essas seções não devem ser comparadas com as dos telejornais ou dos jornais impressos, pois as seções do webtelejornal são “estruturas rizomáticas”, assim sendo, um caminho que permite o internauta se informar no ambiente do telejornal, mas também, abandonar e retornar àquela seção quando quiser.

Com a mesma lógica que o telejornal teve a origem de sua palavra a partir da união de um prefixo a uma forma de comunicação que já existia: o jornal impresso; a palavra webtelejornalismo segue a mesma formação. Esse termo foi utilizado para exprimir a ideia da comunicação no ambiente do ciberespaço – local virtual onde, a partir da *web*, materializam-se práticas sociais, culturais e também comunicativas. Assim, a palavra *web* se encaixa ao telejornalismo para originar o entendimento do webtelejornal como um cibermeio de passado eletrônico na televisão, que se localiza no meio da *www*, uma face multimídia que alterou a comunicação na sociedade atual. (RENAULT, 2013).

Nas palavras de Renault (2013), o telejornal na *web*, pode ser sintetizado da seguinte forma: “O webtelejornal é um cibermeio que tem por objetivo a divulgação de informação jornalística audiovisual. Ele cumpre, na *web*, o papel do telejornal, por isso pode ser considerado um desdobramento no ciberespaço do telejornalismo”. (RENAULT, 2013, p.1).

Mas essa nomenclatura ainda gera discussão por se tratar de um “telejornalismo on-line”, apontam as autoras Caselli e Coutinho (2012). A palavra telejornalismo é direcionada ao que é transmitido pelo aparelho de televisão, sendo assim, Mielniczuk (2001) recupera os estudos feitos por Murad (1999) e Canavilhas (2001), os quais atrelam a nomenclatura ao suporte técnico; de tal forma que o jornalismo feito para a televisão deve ser chamado de telejornalismo, o desenvolvido para o rádio, de radiojornalismo e, de jornalismo impresso para os jornais impressos em papel.

Porém, Caselli e Coutinho (2012) apresentam também a visão de Leila Nogueira (2003), a qual acredita ser adequado o uso dessa nomenclatura. Nogueira (2003) considera que não há como diferenciar instantaneamente a notícia audiovisual de outros conteúdos de informação telemáticas que existem na *web*, por isso adota o termo jornalismo audiovisual *online* e o define como sendo aquele jornalismo que tem o formato de notícia por meio das imagens em movimento e do som, sendo estes os elementos constituintes da notícia.

Para este trabalho consideram-se as seguintes nomenclaturas: jornalismo na *web*, webtelejornalismo e telejornal na *web*, por levar em consideração o produto desenvolvido para ser exibido nesse tipo de plataforma e por tratar-se da prática jornalística audiovisual nesse meio.

O webtelejornalismo no Brasil começou a se esboçar antes mesmo do surgimento dos *sites* de telejornalismo. Historicamente, Renault (2013) explica que, primeiro, o computador foi responsável por substituir as máquinas de escrever, que eram instrumentos de trabalho dos jornalistas. Logo depois, aparecem as câmeras digitais, com sons e imagens gravadas em modo digital. E assim, no século XXI, teve-se a introdução da digitalização em processos de edição das imagens e dos áudios em grande parte dos telejornais brasileiros. Esses processos durante uma década por inteiro estiveram em fase de transição, para que só depois, fossem inseridos definitivamente num processo de produção completamente digitalizada, a qual se presencia hoje.

Antonio Brasil (2011) destaca as primeiras experiências de telejornalismo brasileiro na internet esboçadas pelas plataformas Terra e UOL.<sup>2</sup> O canal de notícias do portal UOL foi, segundo Leila Nogueira (2003), criado em julho de 2000, e a TV UOL oferecia canais como diversão, informática e tecnologia. As autoras Thais Caselli e Iluska Coutinho (2012) registram que a Terra TV faz parte do portal Terra desde

---

<sup>2</sup> Disponíveis nos sites <<http://www.terra.com.br/>> e <<http://www.uol.com.br/>>. Acesso em 22 de abril de 2015.

setembro de 2000 e que colocou no ar, em outubro do mesmo ano, o telejornal “Jornal da Terra”. Na mesma época de sua criação, a TV Terra era transmitida ao vivo de segunda à sexta-feira com três edições durante o dia.

Foi na primeira década do século XXI que o webtelejornalismo começou a se firmar. Alguns telejornais nacionais da rede aberta lançaram as primeiras páginas na *web* onde as reportagens já exibidas na televisão ficavam disponibilizadas. O portal G1,<sup>3</sup> que reúne conteúdos das Organizações Globo, ficou conhecido como um marco de referência inicial do webtelejornalismo brasileiro, a partir do seu lançamento, em 18 de setembro de 2006. (RENAULT, 2013). Letícia Renault (2013) identifica as datas lançamento dos portais da TV Bandeirantes,<sup>4</sup> no dia 13 de julho de 2009, e da TV Record no dia 28 de setembro do mesmo ano.<sup>5</sup> Ela também aponta que, em 2010, todos os telejornais de emissão aberta no horário nobre nacional já tinham *sites*.

A partir do uso da *web* como meio de difusão do audiovisual, o comportamento do telespectador frente à televisão foi, de certa maneira, alterado. Normalmente, na TV, o telejornal possui caráter instantâneo, o que exige do telespectador um seguimento simultâneo da exibição. Quando termina, se o indivíduo não usufruir de recursos de gravação, o telejornal não se torna mais disponível, pois ele é instantâneo e imediato, portanto, precisa que o telespectador tenha disponibilidade no momento em que o telejornal é passado. Em função disso, e em busca de audiência e fidelidade dos que assistem, o telejornal se apropriou de recursos preparados de acordo com o tempo disponível da sociedade moderna, como transmitir em horários do café da manhã, do almoço, do final da tarde e da noite – considerado ainda o horário nobre. Mas, com a *web*, a superioridade da televisão na linguagem audiovisual rompeu-se. (RENAULT, 2013). A *web* abalou a estrutura padrão imposta pelo telejornal tradicional e revolucionou o modo de produção audiovisual, que está disseminado na rede.

Os telejornais se apropriam dos recursos disponíveis na *web* que facilitam e beneficiam tanto o webtelejornal como o próprio usuário. A disponibilidade do recurso de atualização de notícias favorece o internauta a encontrar as informações desejadas em tempo real e é um elemento que foi, gradativamente, sendo *reincorporado* também para o telejornalismo tradicional. No telejornal em si, não há essa possibilidade, é necessário um novo programa com as informações mais atualizadas do fato; já na *web*,

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/index.html>>. Acesso dia 22 de abril de 2015.

<sup>4</sup> Disponível em <<http://www.band.uol.com.br/>>. Acesso dia 22 de abril de 2015.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://rederecord.r7.com/>>. Acesso dia 22 de abril de 2015.

essa notícia pode ser atualizada a qualquer instante. (RENAULT, 2013). Esse fator pode ser associado à característica da *web*, chamada de memória, comentada no subcapítulo seguinte. Assim como a memória, a questão da digitalização de conteúdos, que se tornou fonte de busca através dos arquivos das emissoras disponíveis na *web*, também é fundamental para esta reflexão.

A interação do público com a redação foi modificada com a inserção da *web*. Se antes era difícil de entrar em contato com os telejornais, por falta de divulgação de endereço e telefone, hoje, esse espaço foi encurtado. Normalmente, nos webtelejornais há uma seção – o nome varia de acordo com o *site* do webtelejornal - que permite que o internauta se comunique com a redação, em forma de sugestões, críticas e enquetes. Outro aspecto considerável é a seção onde as reportagens mais lidas pelos usuários são destacadas. As reportagens seguem em formato de vídeo e são acompanhadas de uma reprodução do vídeo em texto corrido. Desse modo elas se libertam da construção em blocos televisivos e do formato centralizado de informação audiovisual, e se reconfiguram e começam a serem expostas em unidades de informação, que são os vídeos. (RENAULT, 2013).

Como se nota, a produção audiovisual está espalhada pela *web* e reorganizada na forma de receber e transmitir a informação jornalística audiovisual. A notícia passa a estar virtualmente disponível, com ferramentas facilitadoras e podendo ser acessada a qualquer instante, pois o cenário hipertextual, multimidiático, interativo, não linear e convergente permite isso.

### **1.1 Características do jornalismo na *web* e o produto audiovisual**

Estudos quanto às características e definições sobre o telejornalismo na *web* e o processo audiovisual são recentes e ainda estão em desenvolvimento. Portanto, vale recorrer às pesquisas sobre o jornalismo na *web* e suas características principais para buscar compreender como os elementos da *web* estão inseridos e fazem parte do processo de construção do jornalismo audiovisual *online*.

Na opinião de Cárilda Emerim (2011), os produtos jornalísticos que tem por finalidade transmissões exclusivas para a *web* são compreendidos como jornalismo na *web*. Partindo de considerações feitas por Luciana Mielniczuk (2001), Emerim (2011)

também aponta a divisão do jornalismo na *web* em três fases, conforme o momento histórico e as respectivas características.

De acordo com Cárilda Emerim (2011), em sua primeira fase, o jornalismo na *web* foi chamado de “transpositivo” e consistia no período pelo qual os jornais impressos eram apenas reproduzidos no meio *web* de forma idêntica à da impressa. Na segunda, a “metáfora”, começa-se a experimentar as possibilidades que o meio da *web* oferece. Mesmo ainda atrelada à primeira fase, é nessa segunda fase que surgem *links* chamando para outras notícias e também se tem o uso do e-mail como possível comunicação entre internautas e jornalistas, por meio de fóruns e debates. A última e terceira fase é a do momento atual, de difícil caracterização, e se refere à qualidade e facilidade de acesso para as transmissões de dados em áudio e vídeo de forma ágil, portanto, nessa fase, são as mudanças pelas quais o telejornalismo vive para se contextualizar na *web*.

Para interpretar esse momento atual, é necessário entender as características do jornalismo na *web*, para assim, notar se essas podem interferir no produto audiovisual e alterar a linguagem original desses produtos. Partindo dos estudos feitos por Bardoel e Deuze (2000) e Palacios (1999), nas considerações de Mielniczuk (2001), e também de Canavilhas (2014) compreende-se essas características que transmitem a potencialidade que a internet oferece ao jornalismo na *web*, que não obrigatoriamente, todos os *sites* jornalísticos, por suas devidas questões, explorem esses recursos.

Bardoel e Deuze (2000) apontam a interatividade, a customização de conteúdo, a hipertextualidade e a multimídia como características desse jornalismo na *web*. Além dessas, Palacios (1999) acredita que a memória deva ser incluída dentro desse grupo de peculiaridades. (MIELNICZUK, 2001).

Na interatividade, Bardoel e Deuze (2000) partem da ideia na qual a notícia na *web* é capaz de fazer com que o internauta se sinta parte do processo, no sentido de: trocar e-mail entre leitor e jornalista, expor a opinião do leitor por meio de fóruns e debates, e também em chats com os jornalistas. Entretanto, os autores não explicitam o processo interativo possível da construção da notícia através da navegação do hipertexto. Mielniczuk (2001) adota o termo “multi-interativo” para designar essa série de processos interativos que envolvem o leitor do jornal na *web*, pois ao acessar um produto jornalístico na internet, o internauta estabelece relações não só com o computador, mas com a própria publicação da notícia por meio do hipertexto, e com outras pessoas, autor ou leitores. (MIELNICZUK, 2001).



Alejandro Rost (2014) afirma que a interatividade é uma das características essenciais da comunicação na *web* e torna-se a base quando se aborda a linguagem da internet. É também, um conceito chave para falar a respeito do jornalismo como um todo, pois se trata de um conceito ponte entre o meio e os usuários, já que, nesse espaço, é permitida a relação de ambas as partes a intervir e participar nos conteúdos.

Entende-se por interatividade a capacidade gradativa de poder que o meio de comunicação dá ao internauta para selecionar os conteúdos, que Rost (2014) chama de interatividade seletiva; e também das possíveis formas de se expressar e de se comunicar, que o autor chama de interatividade comunicativa. Indo além, essa interatividade é capaz de transferir o poder do site para o leitor. Poder no que se refere à recuperação e leitura dos conteúdos que esse meio oferece, aos modos de navegar e às opções de comunicação com outros usuários. (ROST, 2014).

A customização do conteúdo é uma das outras características. Também pode ser denominada de personalização. Essa característica encontra-se em produtos jornalísticos que são configurados de acordo com o interesse individual do internauta, assim, é possível uma pré-seleção do conteúdo que o interessa de tal forma que quando o site é acessado no computador, ele já atende as demandas solicitadas do usuário. (MIELNICZUK, 2001).

Mirko Lorenz (2014) afirma que a personalização pode apresentar formas e extensões variadas, mas para esse trabalho utilizam-se apenas as ideias de personalização para *web*. Para esta, Lorenz (2014) certifica que a forma mais habitual é deixar o usuário selecionar os temas que são mais relevantes para criar uma página baseada nas preferências pessoais.

Na *web* o texto é mais que um conjunto de palavras ou frases organizadas perante as regras. O texto se transforma em uma estrutura formada por blocos informativos que são ligados por meio de *links* (hiperligações), ou seja, é transformado em um hipertexto. (CANAVILHAS, 2014).

E é a hipertextualidade uma das características apontada como a específica do jornalismo na *web*, por trazer a possibilidade de interconectar os textos através de *links*. Para melhor esclarecer, Mielniczuk (2001) refere-se às pesquisas de Bardoel e Deuze (2000), os quais apontam que a partir do texto noticioso é possível, por meio desses *links*, designar o usuário para outros textos, sejam eles, textos originais de releases, de outros *sites* relacionados ao assunto, arquivos de jornais e materiais que possam expor os prós e os contras do tema que está sendo abordado.

Para João Canavilhas (2001), o hipertexto também possibilita que o leitor conduza a própria leitura, revelando assim, um perfil pró-ativo na notícia, mesmo que apenas no sentido de estabelecer a pirâmide invertida do leitor. Canavilhas atenta que a técnica da pirâmide invertida é a base do jornalismo escrito, mas que para o jornalismo na *web* não há sentido em utilizar essa prática, já que na *web* é possível ter mais espaço disponível para a notícia, sem ser necessário fazer cortes no texto. Há sentido então utilizar de um agrupado de pequenos textos ligados entre si; sendo um texto inicial que introduza o primordial da notícia e o restante com os blocos informativos- sejam eles, textos, infográficos, sons e imagens em movimentos ou fixas - disponíveis por hiperligação.

A multimídia é outro elemento fundamental das características do jornalismo na *web*. Ramón Salaverría (2014) refere-se à comunicação humana como um todo sendo multimídia. Expõe que esse atributo não é algo exclusivo da *web* e que vai além de uma combinação de texto, som e imagens. Portanto define a multimídia sendo a “combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” (SALAVERRÍA, 2014, p.30). Pois acredita que um conteúdo pode se expressar por meio de uma única forma de linguagem, como o texto, o som e a imagem, mas também, através dos vários tipos de linguagem em paralelo.

Sendo assim, de acordo com Salaverría (2014), em qualquer conteúdo que há ao menos dois tipos de linguagem aliados entre si, é considerado multimídia. O autor também esclarece que esse elemento não é característico apenas da *web*, mas que a plataforma possibilitou o crescimento da narrativa multimídia. Aponta a televisão que apareceu a partir dos anos 30 como um momento determinante para o desenvolvimento da linguagem multimídia. O meio televisivo combina linguagens distintas e não é apenas a combinação de sons e imagens, trata-se de linguagens visuais e sonoras mais complexas. Na linguagem sonora, possui a música, a palavra falada, efeitos sonoros e o som ambiente, portanto, multisonora. E na visual, carregam-se as imagens estáticas e em movimento, adicionadas ao texto. Dessa maneira, Salaverría (2014) afirma que a televisão é multivisual e multisonora, sendo assim, multimídia. Essa caracterização multimídia, muito visível na televisão, contribui para esse trabalho no sentido de se fazer perceber como as características da *web* podem influenciar ou até mesmo alterar a linguagem do produto audiovisual *online*.

Mielniczuk (2001) sintetiza afirmando que, para o contexto do jornalismo na *web*, a multimídia é uma convergência dos formatos tradicionais já existentes na

mídia. Assim, o texto, a imagem e o som se concentram em um mesmo ponto para a narração do acontecimento jornalístico para *web*.

O ambiente multimídia da *web* acaba por ajustar o telejornal. Antonio Brasil (2011) questiona o motivo pelo qual a televisão deveria migrar para a internet e responde que a primeira razão aplica-se à redução de custos e, à possibilidade de conquistar novos telespectadores ou internautas. Complementa com o pensamento de Neusa do Amaral (2004), a qual afirma estarmos presenciando o início de uma mídia visual nova, que é hipermidiática, convergente, com linguagem ainda em formatação e que não se assemelha com televisão na internet, nem impresso com imagens em movimento, mas sim, algo ainda sem fórmula exata e única.

A memória como ferramenta narrativa não é de uso apenas de historiadores, mas também, de uso jornalístico, na produção desse tipo de conteúdo. Percebe-se esse recurso sendo utilizado em notícias de comemoração, como aniversários, eventos, em casos de óbito; em reportagens que iam se destrinchando ao passar do tempo com fatos novos e foram acompanhadas pelo público e, em reportagens sínteses que recapitulam os acontecimentos marcantes do ano. Todos esses modos são evidentes da memória como uso no jornalismo, que se tornou prática habitual e recorrente nessa produção, seja memória posta como ponto de comparação/analogia, como nostalgia ou como construção do retrato do presente. (PALACIOS, 2014).

Palacios (1999) mostra que, pela possibilidade de acúmulo de informações na plataforma *online*, a memória se torna mais viável economicamente e também tecnicamente do que quando comparada a outras mídias. Já que o volume de informações disponíveis para o internauta é relativamente maior no jornalismo na *web*, seja em relação à disponibilidade imediata de informe anterior ou ao tamanho da notícia. Sendo assim, surge uma possibilidade de acessar o material antigo com mais facilidade.

Diante das características apresentadas, nota-se que o jornalismo audiovisual produzido para ser veiculado na internet está inserido dentro das capacidades que o ciberespaço oferece.

Ciberespaço esse que, segundo Wesley Grijó e Kairo Souza (2014), modifica o modo que a audiência se relaciona, a classe dos negócios e as manifestações culturais, que se alteram e geram experiências sociais expressadas pelo imediatismo e pelas inovações. Assim como afirma Renault (2013): “O ciberespaço expandiu as formas de

representação, a memória, o registro da história, modificou e acelerou as trocas simbólicas entre os indivíduos”. (RENAULT, 2013, p.6).

Dessa forma, se faz presente a convergência midiática, que influencia expressamente na rotina de produção e da prática do jornalismo, independente do meio em que está inserida.

## **1.2 Convergência midiática**

Com a inserção das novas tecnologias digitais junto à produção dos meios de comunicação tradicionais, o espaço de formação audiovisual promove uma variedade de quadros no cotidiano atual. O conjunto de produção, consumo midiático e circulação devem ser pensados a partir do contexto em que se desenvolve a convergência midiática, que abrange as transformações técnicas, tecnológicas e comportamentais de produtores e usuários. (GRIJÓ; SOUZA, 2014).

Henry Jenkins (2008) refere-se à convergência dos meios de comunicação como sendo o fluxo de conteúdos por meio de variados suportes de mídia, a cooperação entre os mercados da mídia e o comportamento transitório do público, que procura novas informações em outros meios. Assim, a convergência midiática é uma expressão que define as “transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando do que imaginam estar falando”. (JENKINS, 2008, p.27).

Os autores Wesley Grijó e Kairo Souza (2014) recorrem também aos estudos feitos por Ramon Salaverría (2003) para explicar o sentido de convergência. Salaverría concebe o processo em quatro perspectivas: convergência empresarial, tecnológica, profissional e de conteúdo ou editorial.

A convergência de conteúdo/editorial ganha destaque, pois ela é capaz de congrega os outros tipos do processo. Essa chama atenção de quem produz a informação e o conhecimento para refletir a importância de expor conteúdos sobre o mesmo tema em suportes variados.

A convergência das mídias não é apenas uma mudança tecnológica, mas também, ela é capaz de mudar as relações entre as tecnologias existentes, como indústrias, gêneros, públicos e mercados. Convergência atribui a um processo, o qual altera a lógica em que a indústria opera e em que os consumidores processam o entretenimento e a notícia. (JENKINS, 2008).

Bittencourt (2014) afirma que a tecnologia passa a ter papel fundamental diante do contexto de comunicação atual e que a participação por meio das ferramentas tecnológicas é o que guia a produção, o consumo e a circulação de um novo modelo comunicacional. Modelo esse que expande as experiências colaborativas no processo de construção do conteúdo, capacita uma mistura de papéis e traz possibilidades interacionais.

Nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto. Cada vez mais, estão nos permitindo assistir a trailers de filmes, baixar capítulos de romances serializados ou comparecer a concertos e shows musicais em lugares remotos. (JENKINS, 2008, p.41).

Cabe então, a partir disso, observar que a convergência é uma alteração na forma como os usuários encaram a relação com as mídias. Wesley Grijó e Kairo Souza (2014) concordam com Jenkins, quando afirmam que a convergência equivale a uma transformação cultural, à medida que os usuários são incentivados a buscar por novas informações e se conectar a conteúdos de outros meios. O público, então, ganha poder com os avanços da tecnologia e faz questão de participar. Dessa forma, afirma Jenkins (2008), que as empresas jornalísticas precisam compreender e trabalhar com esse público dentro de uma cultura participativa, pois caso não se encaixem, vão ter dificuldade em estarem inseridas na esfera midiática contemporânea.

## 2. Práticas colaborativas e a produção audiovisual na web

A internet foi capaz de trazer mudanças na rotina de produção do jornalismo. E por meio das características narrativas da notícia nesse novo espaço, surgem possibilidades variadas de construir um tipo de discurso. Exemplos de como as novas tecnologias estão se adequando aos meios contemporâneos são as redes colaborativas, ou práticas colaborativas, como se apresenta nesse capítulo.

Becker e Teixeira (2009) buscam uma definição sobre as redes colaborativas em Castells (1999): “as redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma voluntária e democrática, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns, e são estabelecidas por relações horizontais que supõem o trabalho colaborativo e participativo.” (BECKER; TEIXEIRA, 2009, p. 46).

Acrescenta-se a essa definição, a proposta de Primo e Träsel (2006) a respeito do jornalismo participativo. Primo e Träsel (2006) consideram como práticas que são realizadas em divisões ou mesmo na totalidade de um meio comunicativo na *web*, onde a demarcação entre produtividade e leitura das notícias não pode ser evidenciada facilmente ou até não existe.

Os objetivos de uma rede colaborativa vão de encontro com a necessidade do próprio público. A população não quer apenas possuir a informação, mas quer se ver, ouvir, participar e contar sua história para si mesma e para os que estão a sua volta. Dessa maneira, com a participação do público na transmissão da informação, “admite-se que uma das vantagens da nova prática jornalística seja a possibilidade de cobrir acontecimentos que a mídia de massa deixa em segundo plano”. (FONSECA; LINDEMANN, 2007, p. 92).

E pode-se dizer então que, dando visibilidade para fatos que talvez fossem reproduzidos em segundo plano pela grande mídia, Primo e Träsel (2006) direcionam que o jornalismo participativo não se porta como uma ameaça ao jornalismo tradicional, mas sim, como uma opção a mais na oferta de notícias ao público e como um novo relacionamento do indivíduo com o meio noticioso.

Nas redes colaborativas o usuário se torna o agente responsável no processo da comunicação. Assim, a recepção da informação passa a deixar de ser passiva e se faz pensar em uma nova relação entre produtor e consumidor do conteúdo, e até mesmo entre os meios de comunicação e a sociedade como um todo. Aderir novos indivíduos

na produção traz mudanças significativas na estética, na linguagem e promove variadas maneiras de contar a história. (BECKER; TEIXEIRA, 2009).

Com o acesso ao mundo por meio de celulares, tablets e computadores, hoje, as pessoas filmam e fotografam praticamente tudo. Seja em festas com os amigos ou a família, em casamentos, em casa, ou simplesmente por puro ego; cada vez mais se tem acesso ao que está acontecendo em determinado local. Assim como, nos protestos, onde curiosos ou os próprios participantes transmitem o ato em vídeos e publicam em suas páginas das redes sociais, para que aquela mensagem alcance mais pessoas. Tal prática colaborativa será analisada neste trabalho, de acordo com vídeos publicados no site *Youtube* a respeito dos protestos feitos na cidade de Belo Horizonte durante a Copa das Confederações no ano de 2013.

Júnior, Siqueira e Rocha (2013) acreditam que as pessoas estão registrando suas próprias convivências cotidianas por meio dos celulares e das câmeras digitais, não simplesmente por terem fácil acesso a essas ferramentas, mas também, para tornar o mundo delas mais próximo e visível para os outros. Assim, o sujeito participa de um mundo junto com outro indivíduo. O sujeito, aqui, assume papel de agente de conteúdo e não mais apenas um espectador. E esse papel é realizado de forma autoconsciente, como afirmam os autores. Pois, eles fazem o registro de certa informação audiovisual com finalidade, mesmo que por ideais diferentes; seja para uso próprio, postar na internet, registrar para análise posterior, como prova de algum acontecimento, para oferecer as emissoras de televisão, sites, entre outros.

No mundo contemporâneo as relações cotidianas se tornaram mais virtuais do que pessoais, no sentido de ver, estar e conversar com a pessoa no mesmo lugar em que se está. A população encara essa realidade virtual e se comunica com os parentes, amigos e colegas de trabalho pela internet principalmente, e por se habituarem a esse processo, estende-se também ao modo de se relacionarem com os meios de comunicação em uma forma geral. Os cidadãos assumiram posturas mais ativas com a *web*, eles participam de fóruns, têm blogs, partilham informações e produzem conteúdo.

As redes contribuem para que, numa produção jornalística, as informações possam ser compartilhadas e distribuídas sem canais reservados. Assim, oferece autonomia e participação do público para formar uma cultura de comunicação. Mas, segundo Becker e Teixeira (2009), isso não significa que o indivíduo que participe dessa prática colaborativa exerça instantaneamente o jornalismo em si. Essa é uma questão bastante pertinente para se problematizar, principalmente a partir do estudo de

caso que será feito posteriormente. Quando o audiovisual apresenta o *jornalismo* propriamente dito e quando temos *somente* a transmissão de determinada informação? Quando o usuário, que se tornou também agente produtor, assume a função de jornalista? Como perceber e analisar essa produção e difusão descentralizadas em paralelo à cobertura jornalística tradicional? Em muitas situações e *coberturas*, essas linhas divisórias parecem cada vez mais tênues...

Uma produção descentralizada do conteúdo jornalístico também não garante que as notícias publicadas e divulgadas tenham qualidade. Nesse tipo de jornalismo, o colaborativo, as informações têm necessidade de conteúdo exploratório. Ou seja, que tragam a notícia de forma mais analítica e com aproveitamento dos recursos que a rede oferece, como o uso dos hiperlinks. Dessa forma, quem acessa esse tipo de conteúdo tem a possibilidade de se inteirar sobre o assunto e ter uma posição crítica ao fato. Além disso, também pode utilizar de novas adaptações na linguagem audiovisual e multimídias para que haja um jornalismo colaborativo de qualidade. Existe a necessidade de um caráter informativo nas publicações colaborativas, pois, inicialmente, o responsável por apurar, formular e divulgar o conteúdo seria o jornalista. E no modo colaborativo, os cidadãos usam das ferramentas disponíveis e postam os conteúdos para que tenham consumo imediato e sejam reproduzidos facilmente, sem tanto comprometimento quanto o profissional da área. (BECKER; TEIXEIRA, 2009).

Apesar de recente, essa nova estrutura também apresenta suas características. A principal, pode-se dizer que é a ruptura do modelo convencional “emissor-meio-mensagem-receptor”, já que o receptor passa a atuar como produtor. E dessa maneira, a emissão é descentralizada, dando oportunidade para que mais vozes se comuniquem ao espaço público, e possibilitando uma interatividade eficaz. (FONSECA; LINDEMANN, 2007). Pois aqueles que, antes, eram apenas receptores da mensagem, agora, produzem.

O papel do jornalista é influenciado por critérios presentes na sua rotina de produção, como por exemplo, critérios de noticiabilidade, de qualidade do material, de repetição, de espaço, de interesses publicitários e entre outros. Ou seja, as decisões do jornalista para produção do conteúdo se tornam muito mais profissionais e objetivas do que individuais e subjetivas como no jornalismo colaborativo. Sendo assim, aquele que teria a função de mediador, aqui, é o próprio cidadão. Ele se torna agente produtivo do que vivencia e do o que o interessa para ser publicado na rede. (FONSECA; LINDEMANN, 2007).



Para Becker e Teixeira (2009), as redes colaborativas ainda demonstram poucas habilidades a respeito dos recursos multimídias e audiovisuais. Através das análises realizadas pelas autoras, elas constam que, em sua maioria, os produtos reproduzidos na rede não são feitos exclusivamente para a internet; mas sim, reutilizados de outras plataformas. Apontam para uma estrutura narrativa simples e sem uso de hipertexto.

Com os usuários conectados pela rede, novas mídias vão sendo construídas. E por consequência das características presentes com a internet e as ferramentas tecnológicas disponíveis, percebe-se uma mudança no papel do leitor e uma mudança também no modelo de negócios.

## **2.1 Mídia Ninja e sua forma de discurso**

Em aproximação às estruturas narrativas de prática colaborativa realizada por um coletivo durante as manifestações tem-se a atividade do grupo Mídia Ninja. Nesse trabalho se faz uso das pesquisas realizadas a respeito do grupo para que seja identificado um possível padrão nesse tipo de produção audiovisual, para assim, poder analisar as filmagens feitas por esses novos agentes produtores.

Para entender o modo de comunicação do grupo Mídia Ninja, é necessária uma breve contextualização histórica sobre as ações realizadas em 2013. Em junho de 2013, o país foi tomado por inúmeros manifestos. Os brasileiros reivindicavam por justiça política e pelos direitos dos cidadãos. Inicialmente, manifestava-se contra o aumento da tarifa do transporte público em várias capitais do Brasil, como em Goiânia, Natal, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Mas as causas da mobilização se expandiram e os protestos ultrapassaram aqueles centavos que seriam cobrados a mais nos ônibus. A população protestou também a repressão violenta dos policiais, os gastos do Brasil com a Copa do Mundo e com as Olimpíadas; protestavam contra a corrupção e por melhorias no sistema de educação e saúde do país. A repercussão desses acontecimentos foi grande e estava presente nos diversos meios de comunicação, nas salas de aula, no trabalho e nas diversas conversas cotidianas.

Conforme Antonio Brasil e Samira Moratti Frazão (2013), o grupo Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – foi formado no ano de 2011 e começou os trabalhos audiovisuais a partir da cobertura ao vivo da Marcha da Liberdade no estado de São Paulo, no dia 28 de maio de 2011. Para Maria Clara Aquino Bittencourt (2014), a Mídia Ninja nasceu a partir de um desdobramento da experiência

de atividades realizadas pela Casa Fora do Eixo, em São Paulo, e segue hoje cobrindo manifestações por meio de dispositivos móveis e colaborações.

O coletivo Fora do Eixo é um grupo de artistas e produtores ligados à cultura que atuam nesse setor desde o ano de 2005. Surgiu, inicialmente, com a proposta de formar circuitos musicais e impulsionar artistas autônomos (BRASIL; FRAZÃO, 2013). Essa organização é uma rede de comunicação com interesse político-cultural que move pessoas e coletivos a criarem, a produzirem e a pensarem uma construção de mídia diferente, autônoma, seguindo as próprias leis.

As duas redes, tanto o Mídia Ninja e o Fora do Eixo possuem estruturas variadas e objetivos diferentes, mas estão ligadas por um ideal geral. O coletivo Fora do Eixo tem como foco a transformação social e o Mídia Ninja, segundo seu portal oficial,<sup>6</sup> tem como objetivo “realizar uma disputa de sentidos e imaginários na comunicação brasileira”. A autora Maria Clara Bittencourt (2014) afirma que o Mídia Ninja tem uma atuação ativista e isso nos faz refletir sobre uma:

(...) necessidade de se pensar e discutir processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos que diante de um contexto caracterizado pela presença crescente de novos atores e práticas marcados pelo uso das mídias sociais, fortalece e amplia as possibilidades comunicacionais dos movimentos sociais. (BITTENCOURT, 2014, p. 191)

Apesar da formação em 2011, foi em junho de 2013 que o grupo Mídia Ninja teve maior evidência ao cobrir e participar das manifestações de rua que aconteciam no Brasil. “A visibilidade alcançada pelo grupo foi notada principalmente durante a cobertura dos protestos realizados por todo o Brasil no mês de junho”. (BRASIL e FRAZÃO, 2013, p. 133). O grupo fez uma cobertura e transmitiu ao vivo os protestos e ações dos movimentos, com um olhar exclusivo dos fatos, e se distanciando da transmissão da mídia tradicional. Nas palavras de Juliana Rosas (2013), a forma de atuação do grupo é “conhecida pelo ativismo sociopolítico, declarando ser uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo tornou-se conhecido mundialmente na transmissão dos protestos de rua deste ano no país”. (ROSAS, 2013, p.01).

O grupo Mídia Ninja busca se afastar do tipo de cobertura desenvolvida pela mídia tradicional. Há uma busca pela interação durante o processo de construção da

---

<sup>6</sup> Disponível em < <https://ninja.oximity.com/> >. Acesso dia 1º de fevereiro de 2016.

notícia. O público vê, participa e compartilha o acontecimento que é de interesse. E tudo isso, de forma ágil. Para Juliana Rosas (2013), a cobertura das manifestações pelo grupo ativista está mais próxima do público, seja fazendo parte do movimento na hora da cobertura, ou pedindo colaboração dos espectadores.

Diferente do jornalismo tradicional, que tem como principais preceitos buscar um olhar distanciado e isento dos fatos, o mesmo não ocorre com o jornalismo praticado pelas mídias alternativas, que não possuem um plano fixo de orientação. Mas a função desse tipo de cobertura praticada pelas mídias alternativas é justamente romper com os paradigmas considerados clássicos para a profissão, como objetividade e imparcialidade. (BRASIL e FRAZÃO, 2013, p.133)

Os vídeos postados pelo grupo Mídia Ninja se encaixam em um discurso no qual os fatos sociais são representados em certo acontecimento, onde o público transmite e recebe a mensagem narrativa da atualidade daquele espaço e naquele momento.

Produzir e distribuir informação durante a própria ação e em pleno movimento faz parte da forma de produção do grupo. Assim, o Mídia Ninja se comunica com compartilhamento de conteúdos e por meio de colaborações em rede, as quais remetem características da sociedade atual, conectada e capaz de construir opiniões e as compartilhar. Dessa forma são feitas reportagens, documentários e investigações nesse segmento, buscando como pauta a luta social e visando as transformações culturais, econômicas, ambientais e políticas. Nesse tipo de conteúdo, segundo Antonio Brasil (2013) e Samira Moratti Frazão (2013),

O telespectador “participa” da produção e da transmissão das notícias e das coberturas pelas redes sociais, indicando pautas, expondo opinião a respeito dos fatos reportados ou colocando-se à disposição para auxiliar no processo noticioso, desempenhando, inclusive, funções antes delegadas exclusivamente aos jornalistas. (BRASIL e FRAZÃO, 2013, p.128)

Para Andrade e Antoun (2014), a narrativa realizada pelo Mídia Ninja mostra a capacidade de contar histórias da rua de forma coletiva e de conseguir estendê-las para as redes sociais. Os autores ainda acrescentam que os participantes exploram da imagem para construir a narrativa, pois por meio dela é possível ver o que está acontecendo, e assim, qualquer indivíduo conectado à internet, avista o acontecimento. Para explicar

essa prática, Andrade e Antoun (2014) recorrem aos estudos de Ivana Bentes (2010), a qual afirma que essa ação descentralizada em comunicar cria novos espaços participativos e colaborativos, onde toda a sociedade é capaz de produzir informação e que ela seja não centralizada, sem hierarquia, com várias vozes, para fornecer um conteúdo diversificado e de novas linguagens.

Uma transmissão livre só é possível pela tecnologia existente hoje. A tecnologia e as redes, associadas aos fatores sociais e organizacionais são o núcleo da convergência (GRANT e WILKINSON, 2009). Convergência essa que funciona por meio dos processos de circulação, produção e consumo desse novo meio de comunicação alternativo, que tem a tecnologia como papel fundamental para seu desenvolvimento e maior alcance.

O grupo transmite os vídeos em tempo real pela internet, gravando através de celulares. Muitas vezes, os vídeos não passam por edição e as imagens não possuem cortes, são gravações diretas do acontecimento (BRASIL e FRAZÃO, 2013). O modelo de comunicação baseado na colaboração e no compartilhamento tem o audiovisual como discurso principal. Esse espaço da internet e a distribuição em *sites* são realizados por meio de celulares,<sup>7</sup> pela própria população que estava acompanhando as manifestações nas ruas e tal prática é a principal forma de ação do grupo. (BITTENCOURT, 2014).

A estrutura não é centralizada e as redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter* são utilizadas para divulgar as notícias para o público, assim como o próprio grupo descreve no site oficial,

A internet mudou o jornalismo e nós fazemos parte dessa transformação. Vivemos uma cultura peertopeer (P2P), que permite a troca de informações diretas entre as pessoas, sem a presença dos velhos intermediários. Novas tecnologias e novas aplicações têm permitido o surgimento de novos espaços para trocas, nos quais as pessoas não só recebem mas também produzem informações.<sup>8</sup>

Nesse trecho pode-se observar que o objetivo do grupo é reunir indivíduos em torno de ideais ou temáticas em comum de forma colaborativa. De acordo com Maria Clara Bittencourt (2014), o discurso na internet pode ser recontextualizado. A autora

---

<sup>7</sup> Distribuição em sites consiste na forma de transmissão e divulgação dos vídeos do grupo Mídia Ninja.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2016.

recorre ao estudo de Malini e Antoun (2013), o qual pensa a mídia tradicional não mais monopolizada em sua forma de discurso após a consolidação da internet, já que nessa plataforma é possível atualizar uma informação e, assim, a notícia recebe outro contexto. “Não só os usuários podem conectar qualquer informação antiga que esteja na rede com uma atual, como eles podem determinar o alcance de uma informação atual, replicando-a por diferentes interfaces”. (MALINI; ANTOUN, 2013, pág. 177 apud BITTENCOURT, 2014, p. 195).

Nas palavras de Maria Clara Bittencourt (2014), a forma de atuação e divulgação do conteúdo produzido pelo grupo acontece da seguinte maneira:

O perfil no *Twitter* serve mais como um mural de divulgação de atividades do coletivo, atos e protestos de rua e *links* para transmissões ao vivo. Não há interatividade em termos de conversação por parte do perfil @MidiaNinja. Poucas vezes é publicado algum *tweet* em resposta a alguma pergunta, sendo que em quatro dos 14 dias analisados, nenhum *tweet* foi publicado. A interatividade, no caso do *Twitter* é gerada entre os seguidores, que através de *retweets* comentam e debatem os conteúdos publicados no perfil do Mídia Ninja. Na *fanpage* a produção de conteúdo se mostrou mais regular e apresentou publicações diárias, nas quais os comentários são abundantes assim como os compartilhamentos. (BITTENCOURT, 2014, p. 192)

Através desta linha de reflexão, pode-se visualizar o papel fundamental da internet para produção de conteúdos. A agilidade dessa ferramenta permite maior organização e articulação entre os membros do grupo Mídia Ninja e os receptores, também produtores, dessas transmissões. Para Maria Clara Bittencourt (2014), com base nos estudos em Toret (2013), a estrutura de criação coletiva corresponde a camadas conectadas, onde, através da participação, “(...) a reprodução dessa malha entre espaço físico e espaço *online* se dá por um contágio tecnologicamente estruturado”. (p. 194).

A ideia de alternatividade proposta por essa forma de comunicar é fundamentada a partir de fatores, como se alinhar aos processos de mudança social e de combate ao sistema hegemônico, aquele predominante, o tradicional. Kalikoske (2010) categoriza um padrão tecno-estético alternativo, que segundo o autor, é aquele tipo de audiovisual que não busca lucro e seus conteúdos são mais voltados para a área de educação, temas não tão abordados pelas grandes mídias. Para Kalikoske (2010), os formatos, esteticamente falando, podem ser diferentes uns dos outros, com aspectos de experimento e inovação, pois são produzidos pelos próprios usuários da internet que distribuem em plataformas gratuitas e acessíveis, e então, esse produto audiovisual acaba sendo bastante caseiro e amador.

A partir dessa questão do *amadorismo*, surgem críticas dessa produção alternativa. Brasil e Frazão (2013) dizem que os julgamentos da imprensa e de profissionais da área do jornalismo às coberturas feitas pelo Mídia Ninja estão ligados, principalmente, à qualidade técnica em relação às imagens e aos sons transmitidos e também à credibilidade quanto ao tipo de jornalismo praticado pelo grupo. Para Erthal (2014), a qualidade da imagem não possui ligação com a credibilidade do conteúdo, até mesmo porque a intenção daqueles que estão nas manifestações é de registrar os fatos de uma maneira que a grande mídia não cobriria.

Nesse trabalho recorre-se às características estéticas do tipo de cobertura feito pelo Mídia Ninja mencionadas por Ivana Bentes (2014). Para a autora, por se tratar de narrar os fatos com a necessidade de urgência, as emissões ao vivo são produzidas de forma precária. Porém as imagens têm função e informam, mobilizam, trazem sentidos e comovem, são o posicionamento de quem filma o ato no local. Bentes aponta que nos vídeos afloram-se:

figuras de linguagem, gestos e atos cinematográficos recorrentes: uma instável câmera subjetiva, câmera cega, o oscilante dispositivo de câmera/celular anômala, narração em direto imprevisível, autoperformance, plano-sequências extensos, edição na própria câmera. Arriscaríamos a dizer que nessas imagens a estética pode ser pensada como um “resto”, o que sobra, o que sobrevive de uma intensa intercomunicabilidade expressiva. (BENTES, 2014, p. 333).

Nesse tipo de transmissão, a autora aponta que o indivíduo que registra os fatos está em estado de atenção e não de observador. Ele tem urgência e está sempre na espreita e alerta ao que pode acontecer ao seu redor. Bentes indica também a importância dos ruídos e das vozes nas transmissões, as quais aparecem por muito tempo, mas não se sabe os nomes, ou é descoberto depois e até sem pretensão. As vozes aparecem em falas livres e em meio a intervenções sonoras e emocionais, como tosses, confusão, declaração de medo, ansiedade, troca de relatos com as proximidades. Além da sequência da gravação, que constantemente é interrompida por uma câmera instável, devido à necessidade de se deslocar e correr do lugar em que se está; por frases atropeladas quando se tem um fato mais urgente; ou pela bateria que acaba, mas pode ser recarregada.

Antonio Brasil e Samira Moratti Frazão (2013) afirmam que o grupo Mídia Ninja acredita que o apoio que eles recebem nas redes sociais e nas ruas é o que sustenta a atividade do grupo em si. E assim, pensam na forma de atuação da equipe para o

futuro, como lançar uma campanha nas redes para arrecadar fundos e gerir financeiramente uma plataforma onde o conteúdo produzido por eles fique disponível.

A forma de ação e de desenvolvimento de conteúdo pelo grupo pode ser levada em consideração como um fator importante para as transformações não só das mídias, mas também das tecnologias acessíveis. Com novos atores sociais, nesse modelo de produção, a relação entre receptor e emissor pode ser encarada como uma transformação também.

### 3. Narrativas independentes criadas nas manifestações da Copa das Confederações em Belo Horizonte

Este capítulo busca desenvolver uma análise semiológica de quatro vídeos, de diferentes autores, produzidos durante as manifestações ocorridas durante a Copa das confederações, na cidade de Belo Horizonte, em junho de 2013. Os quatro vídeos analisados apresentam algumas das características construtoras dentro da linguagem audiovisual que também são empregadas pelo grupo Mídia Ninja. Os processos de produção e difusão descentralizados remetem a um método produtor com aproximações na estruturação da narrativa.

Andrade e Antoun recorrem aos estudos feitos por Ivana Bentes (2010) que certifica de que essa ação descentralizada de produzir o conteúdo acaba por criar novos espaços de participação, onde toda a sociedade é capaz de gerar informação, uma informação de várias vozes e não centralizada. Assim como se nota nos vídeos propostos. Mesmo que por finalidades diferentes dos registros daquelas cenas, os cidadãos as gravam e informam a quem assiste. Informa da sua maneira, pois não há um padrão definido. Retoma-se aqui, o ideal de querer fazer com que o outro faça parte daquele registro e o veja.

Quadro resumidor dos vídeos analisados:

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Duração</b>	<b>Resumo</b>
BH nas Ruas	BH nas Ruas - Canal de cobertura colaborativa	10'43''	Produzido por colaboradores, o vídeo reúne imagens de diferentes autores sobre o protesto do dia 22/06/2013.
Rodrigo Sousa	Rodrigo Sousa- Professor, sociólogo e filósofo	11'31''	O professor atua como repórter e narra os acontecimentos de dentro do protesto do dia 22/06/2013.
Gilvander Luís Moreira	Frei Gilvander Luís Moreira – Atua em movimentos sociais populares e pastorais sociais	20'13''	O Frei assume uma multifunção. É ele quem filma, narra e edita o protesto do dia 26/06/2013.



Deejays e Compania	Deejays e Compania – Grupo de amigos	38°25’	Grupo de amigos acompanha protesto do dia 22/06/2014.

### 3.1 BH nas Ruas

A partir do uso de caracteres em fundo sólido preto, o vídeo é iniciado com uma breve introdução às manifestações do mês de junho no país. Os caracteres explicitam um dos principais motivadores iniciais das manifestações: o aumento das tarifas do transporte público. Na banda sonora, já se escuta sons de apitos, cornetas e gritos de uma provável multidão que ainda não é visualizada.<sup>9</sup> Em seguida, aparecem fotos de diversas cidades brasileiras em que aconteceram protestos. Pelos créditos é possível relacionar cada ambiente a determinada cidade. Cada foto é deixada na tela apenas por décimos de segundos. Os quadros parados apresentam sempre imagens de manifestações repletas de pessoas, demonstrando a grandeza e abrangência do movimento pelos diversos cantos do território nacional. A última foto retrata a manifestação em Belo Horizonte. Tendo esta fotografia como cenário, aparece no lado superior da tela, um texto ressaltando que a capital mineira também aderiu aos protestos e o que eles reivindicavam, já dando a ideia de que o vídeo seria sobre as manifestações na cidade.

O espectador é transportado para uma sequência de imagens em movimento. Observa-se vários planos gerais dos protestos em Belo Horizonte, mostrando a população em grandes passeatas e munida de cartazes, bandeiras e faixas. O número de participantes impressiona em todas essas primeiras imagens. Novamente o grande número de participantes no movimento é ressaltado a partir das imagens. Junto dessas imagens ouve-se o som diegético da própria multidão gritando repetidamente “Há, há, hu, hu, o mineirão é nosso”. A força e a repetição dos gritos, unidas ao movimento daquele aglomerado de pessoas que caminha na mesma direção já pode sugerir a antecipação de um possível conflito a seguir.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8DKqwUwZGxA>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

Aos quarenta e um segundos, novamente em forma de texto, aparece na tela a informação que situa melhor o internauta de que no dia 22 de junho, em um dia de jogo da Copa das Confederações, em Belo Horizonte, cerca de 125 mil pessoas caminharam em manifestação rumo ao estádio do Mineirão. Dessa maneira, a base das informações que compõe a narrativa serão escritas e apresentadas no vídeo, em cima das próprias imagens.

A montagem conduz quem assiste ao vídeo para uma entrada do estádio referido. Em plano médio fechado, a câmera passa a mostrar torcedores tendo sua entrada barrada, por policiais militares e seguranças, por causa do uso de camiseta com dizeres que remetiam a protestos. O cinegrafista que está filmando é impedido pela equipe de segurança local a continuar a gravação, mesmo estando ainda na área comum – como ele ressalta mais de uma vez. Enquanto ele é abordado, mantém a câmera filmando, o que propicia o registro da censura imposta naquele lugar, ainda fora da grade de segurança por onde entram os torcedores.

Já em um ponto mais distante da equipe de segurança e policiais, o cinegrafista consegue registrar uma breve entrevista com uma das duas pessoas que tiveram a entrada impedida. Ele fala sobre o ocorrido. O plano próximo faz com que a imagem se aproxime a uma sonora do telejornalismo convencional. Contudo, parte da fala do rapaz é coberta com imagens que ilustram o que ele está explicando verbalmente.

A montagem corta da imagem da dupla entrando da área exclusiva dos torcedores com ingresso para mostrar uma barreira já bem mais distante do Mineirão. Dessa vez, a câmera está estrategicamente posicionada em cima da cerca de ferro que separa policiais e manifestantes. O cinegrafista encontra-se do lado dos manifestantes. Aparecem manifestantes em confronto com a polícia. Na banda sonora há sons diegéticos de gritos e pessoas correndo. Alguns manifestantes estão com camisas cobrindo o rosto. Um policial ataca os manifestantes com spray de pimenta e eles se revoltam. Muitos passam mal e começam a se afastar. Quem filma está no meio do acontecimento e participa dele. Bombas de gás lacrimogênio também são lançadas para conter a população.

Imagens de diferentes ângulos são apresentadas no vídeo. Algumas vezes tem-se uma visão geral da ação. Outras vezes quem filma está no meio daquela agitação, o que faz entender que a gravação não foi contínua e pode ter sido gravada por diferentes pessoas. As imagens são instáveis e há o uso recorrente do movimento de zoom.

Aos três minutos e quarenta e um segundos, a imagem fica completamente branca, devido à quantidade de gás lacrimogênio do local. Observa-se uma pessoa passando mal, pessoas correndo. Há muitos gritos e confusão. A sequência traz uma sensação de angústia, colocando o espectador para experienciar tudo aquilo como se estivesse naquele lugar. Os manifestantes depredam algumas partes do local. E seguem imagens instáveis ocasionadas pelos movimentos dos acontecimentos.

Aos oito minutos e vinte e dois segundos o colaborador que gravava na rua é ameaçado por um policial por estar filmando uma conversa entre policiais e manifestantes. E o colaborador continua filmando, de forma escondida, a ação do policial contra ele.

O vídeo também apresenta a versão da mídia impressa, a partir da exibição da página de um veículo de comunicação da cidade em forma de print. Em seguida, insere a declaração do comandante geral da Polícia Militar de Minas Gerais à mídia. Essa é a primeira voz identificada e trabalhada como um tipo de entrevista. Na sequência, o vídeo traz uma declaração do prefeito de Belo Horizonte, mas não com imagens em movimento. O áudio da fala do chefe do executivo de Belo Horizonte é coberto apenas por uma foto dele. O mesmo procedimento também é utilizado com o governador de Minas Gerais. O vídeo encerra com uma frase opinativa a respeito dos acontecimentos e faz um questionamento no fim.

Percebe-se que o vídeo é gravado por vários colaboradores e que se faz uso de edição. Os trechos gravados por diferentes pessoas foram agrupados para formar um tipo de narrativa sobre o ocorrido. Não há uma narração em voice over. A explicação do que se vê se dá em textos curtos sobre as imagens ao fundo. Também nota-se uma câmera bastante instável, ruídos de sons diegéticos e ausência de identificação da voz, que é possível considerar como fonte.

### **3.2 Rodrigo Sousa**

O vídeo começa logo com uma pergunta, como se fosse um título e, abaixo, há um subtítulo,<sup>10</sup> escrito de forma simples, com letras brancas centralizadas em um fundo preto. Na abertura do vídeo se tem o que poderíamos chamar de cabeça de abertura. Aparece um homem, que não é identificado, informando sobre a passeata em direção ao

---

<sup>10</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gHktInaIgjM>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

estádio do Mineirão e os objetivos da ação. A voz da pessoa é também mesclada a imagens dos manifestantes na rua. É possível acreditar que a mesma pessoa seja o dono do canal que publica o vídeo. É importante salientar que não é ele quem grava a própria fala. Há outra pessoa filmando, que também não é identificada. Apenas o local em que ele está é identificado na parte inferior do vídeo.

Novamente, em outra imagem, o nome do local é mostrado. Nessa sequência há muito barulho e quem filma usa o movimento de zoom, o que deixou as imagens desfocadas. A câmera é bastante instável. Busca-se filmar as placas que os manifestantes seguram e, a todo instante, os movimentos são bruscos e, algumas vezes, nem se consegue identificar claramente o conteúdo da imagem. Quem filma busca registrar a população que protesta e caminha com cartazes.

Uma voz sugere que o grupo aproxime mais do ato e, em seguida, o homem que apareceu no início do vídeo volta e situa quem assiste, narrando o que já se via nas imagens. Ele não complementa as imagens com informações relevantes. Quem opera a câmera filma e anda em direção às pessoas. A câmera passa a ficar entre as pessoas, em meio à multidão, como a voz havia sugerido antes. Nota-se que não se trata de uma gravação contínua. Há cortes entre um plano e outro.

Registra-se a cena de bombeiros ajudando os manifestantes, com palavras de incentivo e dando-lhes água. Logo após essa cena, o homem que assume a função de repórter aparece no vídeo e dá indícios de como será o acontecimento seguinte, em tom de possibilidade. Começam a ser vistas imagens dos manifestantes em conflito com a polícia, gritando palavrões. As imagens continuam embaçadas e por conta da câmera estar apontando para um contra-luz, a iluminação não favorece a visão. Bombas de lacrimogênio estouram e se escuta barulho de tosse e vozes dispersas ao fundo.

Aos quatro minutos e cinquenta e dois segundos, aquele que teria assumido a função de *repórter* fala e exprime a opinião em tom de revolta diante da atitude dos policiais. Dessa vez ele não é visto. A câmera permanece mostrando imagens dos manifestantes. Pouco depois, um dos manifestantes presentes no local fala diante da câmera e diretamente para o espectador. Ele usa palavrões e também não se sabe quem é. Logo o repórter aparece. Agora está sem camisa e retoma o comentário anterior, só que mais nervoso e indignado. Ele se coloca totalmente contra a repressão policial e a favor da manifestação contrária à Copa das Confederações. Um cidadão que foi atingido também fala para a câmera e opina sobre a situação. Ele também não é identificado.

Logo depois se escuta, em off, a voz de uma mulher relatando uma ação dos manifestantes. Ela pode ser a pessoa que registra as imagens naquele momento.

Com certas imagens no fundo, há uma espécie de titulação, a partir de créditos, de determinadas situações, na tentativa de explicitar ao espectador o que se passa. Esse é o caso das expressões: “tenso” e “negociação”. Quem fala ainda é a mulher, que não é identificada e não aparece em frente à câmera. Aquele que teria assumido a função de repórter aparece brevemente e, após algumas imagens, ele fala em um plano mais próximo da câmera e com tom de voz alto e de muita revolta.

Apitos, tosse, gritos predominam na banda sonora. A mulher volta a falar em off. Ela relata que algumas pessoas começaram a depredar o local, porém, a imagem não deixa claro quais são essas pessoas. É possível ouvir gritos de boa parte dos manifestantes contra essa atitude, inclusive da própria mulher que relatava a situação para o espectador. Em certo momento, nem mesmo a mulher consegue definir o que está acontecendo devido a confusão. Só se observa correria das pessoas e grande agitação por conta também dos movimentos da câmera.

O vídeo encerra com a mesma mulher narrando, em off, o momento de tensão que os manifestantes estão enfrentando. Os caracteres na parte inferior das imagens busca titular e/ou explicar o que ela já fala em off. Os mesmos letreiros explicitam que, depois da gravação dessas imagens, a situação teria se agravado. Por último tem um aviso de que a filmagem foi encerrada por motivos de segurança e de ameaça da Polícia Militar de tomar o equipamento. Na sequência dos caracteres os responsáveis pelo vídeo são identificados. Há um tipo de ficha técnica que explicita os nomes de quem filmou. Neste sentido, entende-se que a mulher era a cinegrafista e o dono do canal seria o homem que teria assumido a função de repórter.

Observa-se que o vídeo possui edição, mas que as imagens foram gravadas por uma única pessoa, não sendo uma compilação de vários vídeos de diferentes espaços e tempos. A câmera permaneceu instável na sua maior parte da gravação. Além disso, havia presença de ruídos e existia uma narração sobre o que se passava nas imagens, ora em frases curtas escritas e na maioria, faladas.

### **3.3 Gilvander Luís Moreira**

O vídeo<sup>11</sup> tem início em meio a uma multidão e uma voz masculina surge, em off, dando informações como o local, a data e o que as pessoas estão fazendo ali. E logo a voz se identifica. Ele mesmo se apresenta como Frei Gilvander, da Comissão Pastoral da Terra e deixa claro que é quem está filmando. As imagens registram algumas placas que os manifestantes seguram, enquanto o cinegrafista verbaliza o conteúdo escrito nas mesmas.

O espectador passa a visualizar a imagem de uma grande concentração de pessoas antes de iniciarem a manifestação. Eles estão reunidos para votar se irão até o estádio do Mineirão e qual será o caminho escolhido a percorrer. O cinegrafista utiliza de recursos como o zoom para mostrar, ora o líder da votação, ora a população sentada. E ao mesmo tempo transmite na sua fala o que foi decidido e retoma o que está sendo feito no local.

Percebe-se cortes durante o vídeo, o que dá a ideia de não ser uma gravação contínua. Nesse momento, as pessoas que falam à multidão durante o momento de concentração não são identificadas, nem por suas falas e nem por qualquer crédito no vídeo. Apesar de serem bastante evidenciadas em imagens pelo cinegrafista.

Porém, aos seis minutos e trinta segundos, uma fonte é identificada pelo cinegrafista que faz uma pergunta a este entrevistado. O homem está muito próximo da câmera e parte do rosto é cortado no enquadramento enquanto fala e se movimenta. Trata-se de Denilson – presidente do Sindpol, conforme informa o cinegrafista. Após a fala de Denilson, ouve-se o cinegrafista parabenizando o entrevistado por sua postura frente ao movimento.

Na sequência, as imagens do vídeo dão muito enfoque nas bandeiras e nos cartazes que as pessoas carregam. Os planos são fechados, evidenciando parte dos tecidos coloridos empunhados por corpos sem rostos. Nota-se uma instabilidade nesse momento, possivelmente por conta do zoom. Ao fechar demasiadamente o enquadramento, o cinegrafista acaba por não mostrar a face das pessoas que estão carregando as bandeiras. Observa-se uma imagem confusa e sem muita definição da ação em si. Em off o próprio cinegrafista relata e orienta que eles estão ali em manifestação rumo ao estádio do Mineirão e indica a data novamente.

O vídeo dedica mais de dez minutos mostrando fragmentos da passeata com imagens detalhando algumas das principais faixas e cartazes carregados pelos

---

<sup>11</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=thGCh\\_Y0Fq4](https://www.youtube.com/watch?v=thGCh_Y0Fq4)>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

manifestantes. Ele está entre eles e fala diretamente com as pessoas no percurso. O cinegrafista segue lendo os cartazes e, após ler o cartaz de duas crianças, a mulher que estava atrás de uma delas, começa a falar depois de uma pergunta dele. Mas tanto ela, como ele, são interrompidos por outra mulher que faz uma declaração em relação ao momento. Depois aparecem as mesmas crianças dos cartazes, uma delas repetindo o que as mulheres ditavam, em off, para ela. Dentre elas, as únicas que se identificaram foram as crianças e por elas mesmas.

As imagens focam no rosto das pessoas, às vezes os planos são muito próximos. Há muito sons diegéticos no local: vozes dispersas, sinais de apito e de bateria, barulhos indefinidos. Gritos de guerra são cantados e o cinegrafista mantém a câmera bem próxima dos rostos dos participantes. Até que o cinegrafista chama uma pessoa pelo nome e faz uma pergunta a ela. Parece ser alguém conhecido, pois também o chama pelo nome. A câmera continua registrando o rosto das pessoas em planos bem fechados.

Enquanto se registra o movimento das pessoas em marcha, uma manifestante se aproxima e pronuncia a respeito, mas não é identificada. A imagem é focada no rosto dela. Em outra parte da passeata, o cinegrafista filma uma deficiente física caminhando em meio à multidão. Em off ouve-se a voz de um homem que não é identificado e só aparece depois de outra pergunta do cinegrafista. O homem aparece na imagem como um tipo de narrador da condição da mulher e a apresenta. Até então, ela não havia falado, o câmera a parabeniza e ela agradece.

O cinegrafista segue destacando as placas e a população em caminhada. Um homem é mostrado produzindo um cartaz e dialoga com o personagem que o registra. O homem não é identificado. Na sequência, o cinegrafista apresenta o outro entrevistado e ele se declara sobre os acontecimentos. As pessoas em volta dele o saúdam. Em seguida o cinegrafista aborda um cidadão e ele logo começa a se pronunciar. A imagem que se tem é próxima ao rosto do entrevistado. E o vídeo acaba de repente em meio à fala da fonte.

Observa-se que o vídeo possui diversos cortes. As vozes explicitadas são parcialmente anunciadas e as imagens têm predominância de estarem bem perto de quem fala. Há presença constante de ruídos e breves narrações do cinegrafista identificado. Normalmente ele apenas lê o que está escrito nos cartazes e faixas ou interage com alguns dos manifestantes. Nota-se também que o registro é apenas dentro da passeata e em diferentes pontos da mesma.

### 3.4 Deejays e Compania

O vídeo<sup>12</sup> inicia com uma abertura mais elaborada que os anteriores. Nela, algumas palavras são escritas na tela com efeitos que se assemelham a uma vinheta. Vê-se o título que indica a temática da gravação a seguir. A filmagem começa com o cinegrafista falando, informalmente e aos risos, com um amigo que está ao lado dele. Ele identifica o jovem ao chamá-lo pelo primeiro nome, antes de lhe fazer uma pergunta. Logo depois ele vira a câmera e chama, pelo apelido, outro rapaz próximo a ele. Ambos dialogam de maneira informal.

O clima desses diálogos iniciais é bem descontraído, sugerindo que cinegrafista e esses dois rapazes são amigos que estão andando, em grupo, rumo ao Mineirão. Há diversas vozes aleatórias ao fundo da banda sonora. O cinegrafista caminha e filma o trajeto na perspectiva de quem está se aproximando de um ponto onde se direcionam a maioria daquelas pessoas. Há fragmentos do vídeo em que o som da câmera falha e outra em que a tela fica completamente branca. O cinegrafista caminha e grava a população enquanto conversa e ri com quem se supõe que sejam seus amigos.

As imagens captadas tem pouca estabilidade. O cinegrafista troca de plano muito rapidamente, inclusive utilizando o mecanismo de zoom. De repente a tela fica totalmente preta, o que indica um tipo de efeito de edição, ou seja, de transição de uma imagem para outra. Logo se escuta novamente o cinegrafista falando com os amigos. Ele orienta o grupo para irem devagar, pois a situação à frente começara a se agravar. Um dos companheiros se direciona a ele e fala para chegarem mais perto. Temeroso, ele pede para irem sem pressa.

Um rapaz que também está na passeata, mas não pertence ao grupo de amigos, olha para a câmera e começa a conversar com o cinegrafista por uns instantes, enquanto anda. Os amigos vão andando e falando entre si, ainda naquele tom de brincadeira e descontração. O cinegrafista caminha e explica a situação do momento. Ele conversa diretamente com o internauta que assiste ao vídeo e fala que trará mais informações a qualquer momento.

Observa-se outro efeito de transição de imagens e, na sequência, o cinegrafista está posicionado em outro ponto da passeata. Agora ele está narrando as ações que observa entre a multidão. A imagem que se tem constantemente é dos amigos em meio

---

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ktfj9JqYD7M>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.



à população. Normalmente, ele fica atrás deles e filma as ações ao seu redor, sempre próximo deste tipo de grupo de proteção. A trilha sonora é composta também por vozes aleatórias, ruídos diversos e barulhos de bomba de gás lacrimogênio estourando. O que se vê são as pessoas reunidas. Algumas paradas, outras andando, mas sem confusão. A câmera não se mantém fixa, o que dificulta uma visualização melhor da imagem que se registra.

Em outro momento do vídeo o cinegrafista está parado em um ponto onde há uma concentração de pessoas que se manifestam com gritos de guerra. De repente, aquela calma transmitida até então já não é mais presente. As pessoas começam a correr e a movimentação assusta a quem vê. O cinegrafista também se move rapidamente atrás de um de seus amigos e explica ao espectador, em off, que a polícia jogou bombas de gás e que não é possível mais permanecer naquele local. A multidão grita contra a ação dos policiais. Algumas pessoas pedem vinagre para amenizar o efeito do gás e outras gritam para que a multidão não corra. Parecem querer manter a linha de enfrentamento ou tomar o cuidado para evitarem acidentes provenientes de uma corrida desenfreada da grande multidão.

O cinegrafista volta a caminhar em direção ao cerco policial. Ele explica, em off, o que se passa para quem assiste. Ele repreende uma pessoa que joga uma pá nos policiais e procura filmar o rapaz para mostrar quem fez isso. Entretanto, o homem que teria atirado o objeto ignora a presença do cinegrafista e continua gritando, indignado com a polícia. A banda sonora está repleta de barulhos, gritos, tosse e diversos sons que suscitam a ideia de confusão.

Tem-se pela primeira vez a imagem da barreira formada por policiais. O câmera registra as cenas e as vai narrando, se mostrou contra as pessoas jogando objetos nos policiais, mas também, não compreende o motivo da polícia agir de forma agressiva. Ele se mostra preocupado em conseguir captar as imagens para quem vai assistir. Quando ele se aproxima bastante da barreira, o barulho é estridente e se escuta muitas vozes dirigindo-se aos policiais de forma revoltada.

O cinegrafista registra uma mulher conversando com o coronel que comanda aquela operação. Aparece outra pessoa filmando com celular a movimentação. Há muito barulho e não se consegue escutar exatamente o que o policial fala. Contudo, é possível observar que ele tenta demonstrar calma ao conversar com a mulher, mas os dois estão em estado de alerta às ações que acontecem ao redor.

Algumas pessoas se revoltam e querem colocar fogo em cartazes que são colocados no chão, enquanto outro grupo tenta conversar com os policiais. O cinegrafista se aproxima dos manifestantes e fala junto com outros cidadãos presentes para que os mais revoltados não façam isso. Eles lembram que a manifestação deve ser pacífica. O cinegrafista identifica, verbalmente, o policial que apareceu nas imagens conversando com a mulher anteriormente.

Para afastar as pessoas da volta da barreira de policiais, eles acabam soltando bombas de gás, spray de pimenta e disparam algumas balas de borracha. A população corre e o cinegrafista os acompanha. Aos trinta e três minutos e dois segundos, aparece escrito um título na imagem nomeando as ações seguintes: “A depredação”. As imagens são de confusão, correria, barulho e vandalismo cometido por algumas pessoas que estavam na manifestação. O cinegrafista se mostra apreensivo e comenta, em off, de forma indignada, sobre a ação dos vândalos. Ele até sugere que as imagens gravadas por ele talvez possam ajudar a identificá-los.

Não se consegue definir algumas imagens devido à grande movimentação da câmera e do cinegrafista, ao correr e filmar ao mesmo tempo. A última sequência impacta ao mostrar um grande grupo de pessoas correndo em direção à tropa dos policiais da cavalaria. O cinegrafista narra a ação e segue correndo junto com os demais. O vídeo encerra em meio a esse acontecimento com a entrada da palavra “continua” na tela.

Percebe-se que o vídeo passou por edição antes de ser publicado. Há texto escrito e um tipo de vinheta inicial, além de alguns efeitos de transição entre determinadas imagens. Quem filma o acontecimento não se identificou. Ele também não procurou outras pessoas para falar do fato, apenas se direcionou a amigos no início e buscou registrar a mulher conversando com o comandante da operação. Durante a filmagem, o cinegrafista era também narrador daquela história que estava participando. Notam-se a câmera instável, o estado de alerta das pessoas, muito barulho e vozes aleatórias ao fundo.

### **3.5 Aproximações entre os vídeos**

Tendo descrito fragmentos significativos dos vídeos, percebe-se que eles possuem alguns pontos de aproximação. Emprega-se então, três elementos constitutivos necessários que guiam a análise: 1) *sentido narrativo*, tópico que aborda sobre como a

história de cada vídeo é construída de acordo com as ações dos autores; 2) *sentido visual e sonoro*, no qual observam-se de que maneira esses elementos são notados e utilizados dentro da narrativa e; 3) *sentido ideológico*, em que se busca a mensagem do vídeo e a posição de quem o realiza.

### 3.5.1 Sentido narrativo

Cada vez mais as pessoas têm interesse por divulgar os acontecimentos da vida delas. Surge a questão de tornar o mundo delas mais próximo e evidente para outros, como sugerem Junior, Siqueira e Rocha (2013). Não é só pela facilidade ao acesso às ferramentas disponíveis, mas sim, por querer participar de um mundo junto com outros, de querer registrar o cotidiano e as experiências. Porém, tem-se em mente que isso só se torna possível por conta do que se vive hoje, com a tecnologia digital.

Aqueles que antes seriam apenas público, hoje podem ser agentes de conteúdo. Esse *novo público* vê, participa e compartilha o processo de construção da notícia. Eles interagem, produzem e distribuem a informação durante a ação, assim como foi notado nos quatro vídeos descritos.

Para aprofundar esse tópico, foram definidos elementos simbólicos das narrativas nos vídeos propostos. Aqui se buscou responder questões como: Quem conta a história? Como a história é contada? O autor das imagens participa da ação? Há um trabalho em equipe? Alguém assume papel de repórter fazendo passagens ou entrevistas? Quem narra sabe mais ou igual os personagens filmados?

No primeiro vídeo, o BH nas Ruas, que é um canal de coberturas coletivas, a história é contada por diferentes autores e que, juntos, formaram um só vídeo que foi compartilhado pelo canal. Provavelmente por esse motivo, de serem pessoas diferentes filmando, é possível justificar a ausência de uma voz narrando os fatos. Neste caso, a narração se dá apenas por meio de caracteres. Assim, as explicações dos acontecimentos vêm somente escritas e não faladas. Os caracteres também marcam a transição entre a filmagem de cada autor. Não fica claro no decorrer de cada história se os autores desse registro possuem uma equipe, informal que seja. Cada um parece estar sozinho registrando os acontecimentos e, ao mesmo tempo, fazendo parte deles, estando presentes onde há movimentações. Nesse vídeo não há alguém que assuma a posição de repórter e faça entrevistas ou passagens, por exemplo. Há apenas o que podemos

chamar de sonora. Na única vez em que esse elemento estrutural se mostra presente a fala do entrevistado é, em sua maior parte, coberta por imagens e não há uma identificação do mesmo, o que talvez sugira que mostrar as imagens daquele acontecimento seja mais importante do que reconhecer quem passou pelo fato e conta a história de forma individual. Pode-se ter um entendimento de que, neste momento da narrativa, as imagens sejam mais impactantes ou fazem mais sentido que apenas a fala de determinada pessoa. Neste sentido, é necessário mostrar a quem vê o vídeo o que realmente foi gravado e ocorreu no local. No vídeo do BH nas Ruas também se pode perceber que não houve uma pesquisa prévia para realizar os registros. Quem grava mostra-se tão confuso quanto os personagens que aparecem nas filmagens. Todos vão descobrindo e vivenciando o momento conforme os acontecimentos são mostrados na filmagem. O elemento estrutural que tenta orientar essa história é a narração por caracteres, que busca situar quem assiste, mas apenas narra a ação que está sendo vista. Essa situação se aplica aos vídeos gravados pelos colaboradores, pois o vídeo final formado para ser um só, apresenta na narração pesquisa de jornais com dados técnicos e gravações locais. Esse último aspecto origina um tipo de parecer sobre as imagens mostradas anteriormente, no caso, evidenciando contradições entre o que foi publicado pelas mídias tradicionais da região e os registros reproduzidos pelo vídeo.

O segundo vídeo, de autoria do Rodrigo Sousa, tem a história contada por ele mesmo e na terceira pessoa. Ele assume um papel de *repórter*, faz *passagens* no decorrer do vídeo e, assim, situa quem assiste. Mais próximo do final do vídeo, outra pessoa também narra os acontecimentos na terceira pessoa, mas essa não aparece em frente às câmeras. Há indícios que seja ela quem filma. Os dois participam ativamente das ações registradas. Eles estão completamente inseridos no ambiente. Tal fator pode ser percebido devido à movimentação desses dois agentes, por suas falas e por fragmentos da *narração* bastante pessoal, como “covardes” e “sem violência”.

Para a gravação, nota-se que não há uma pauta ou cronograma. Os autores vão seguindo o caminho conforme o andar da multidão. Há apenas a intenção de participar daquela movimentação e registrar o que eles estão vivenciando no momento. É perceptível o conhecimento prévio sobre os locais em que eles estão, uma vez que os narradores falam nomes de ruas e avenidas. Porém, sobre o decorrer dos protestos, eles sabem tanto quanto os outros participantes, isso pode ser indicado pela própria fala da narradora: “a gente não sabe o que tá acontecendo, parece que vem a cavalaria”. Vale ressaltar que os autores são identificados apenas no final do vídeo pelos créditos. Pode-

se dizer que existe uma predominância em manter a questão do registro e da narração ao invés de se apresentar ou saber quem fala ao espectador. É possível que, para esse tipo de transmissão, a imagem e a mensagem a ser passada sejam mais consideráveis e importantes que o processo identificatório.

No terceiro vídeo, de autoria de Gilvander Luís Moreira, a narração verbal é feita pelo próprio autor. Na maior parte da gravação ela é apresentada na terceira pessoa e, em alguns momentos, na primeira pessoa. O autor participa diretamente da ação que ele registra, desde a concentração ao percurso do protesto. Nessa filmagem é evidente que o autor não possui equipe e que está sozinho. Ele deixa isso nítido logo no início do vídeo, quando se apresenta. Assume então, uma função constante de uma espécie de repórter, realizando intervenções diretas. O autor e também narrador tem conhecimento igual aos que estão sendo filmados. Ele acompanha e registra os fatos conforme o caminho decidido na concentração bem no início do vídeo. Esse fator indica que não foram necessárias pesquisas prévias ou uma pauta, mas apenas a intenção de acompanhar e seguir o fluxo da manifestação. Outro aspecto da narrativa observado é o diálogo entre os personagens, que até então, nos dois vídeos anteriores, não havia sido notado. Nesse caso, por se tratar de registros feitos durante o percurso e tendo o clima de tranquilidade predominante, o autor busca ouvir as pessoas que estão fazendo parte do trajeto. Algumas ele identifica, outras não. Mas há um diálogo com os entrevistados. E é possível observar nas falas deles que cada um reivindica por um ideal em específico.



Imagem 1: Entrevistado identificado por narração expõe opinião – Gilvander Luís Moreira (26 de junho de 2013)

Tem-se no quarto vídeo, DeeJays e Companhia, uma história narrada por um dos amigos do grupo que segue a caminho do Mineirão, junto à multidão em protesto. O

autor não se identifica em momento algum. Apesar de sempre chamar os amigos pelos nomes, não se escuta o nome dele. Apesar de ele estar em um grupo de amigos, só ele é quem filma e narra os acontecimentos, na terceira pessoa e, algumas vezes, na primeira, quando faz comentários. O narrador vai sendo guiado, sem pesquisas ou pauta, conforme o decorrer das ações. Na maioria das vezes, narra os fatos a partir do improviso do momento. Ele participa diretamente das ações, se colocando dentro do fato. Porém, sempre que se vê em alguma situação perigosa, procura se afastar, mas sem deixar de registrar ou narrar. Como há um clima descontraído logo no início do vídeo existem diálogos entre os personagens, inclusive, o começo dos registros é marcado pela conversa entre o grupo, como um bate-papo informal mesmo. Ao longo do vídeo, percebe-se que o narrador continua dessa maneira, ganhando o acréscimo de dialogar com quem irá assisti-lo depois e também com as pessoas que estão no protesto, mesmo que em frases curtas e momentâneas.

### **3.5.2 Sentido visual e sonoro**

As características apontadas por Ivana Bentes (2014) ao se referir ao modelo de produção da Mídia Ninja, podem ser aplicadas aqui. Começando pela precariedade da gravação devido à necessidade de urgência ao filmar e acompanhar as ações de protesto. Essa precariedade prevaleceu nos quatro vídeos. As imagens tremiam muito, em momentos não se conseguia ver o que acontecia nitidamente e os enquadramentos prejudicavam a visualização de parte do conteúdo visual. Outro ponto é a sequência de imagens interrompidas por cortes ou movimentos bruscos de câmera a fim de se registrar ações consideradas, naquele momento, mais importantes. A própria movimentação de pessoas no local ou a movimentação do cinegrafista correndo e se deslocando várias vezes determinavam o mecanismo estético adotado. Uma das conseqüências foi a produção de imagens pouco estáveis ou até com algum tipo de precariedade técnica.

Nesse tópico se busca refletir sobre algumas questões, tais como: Quais as características do espaço da história? Como se dá a relação da câmera? Quais os possíveis planos visuais? O cinegrafista participa da ação ou está longe? Como é a iluminação? Como se trabalha o som no vídeo? Nota-se edição de vídeo?

Por se tratar de um compilado de vários vídeos, o vídeo BH nas Ruas apresenta variados elementos sonoros e visuais. A começar pelo espaço narrativo, que se dá em

meio aos protestos, na rua, com a presença de muitas pessoas circulando ao redor. Outro aspecto é a câmera, que não possui um plano fixo de filmagem. Ela se adapta à situação vivenciada naquele espaço que, ora está muito próxima dos personagens, ora bastante afastada ou ainda, de forma repentina, é de correria e confusão. A câmera também chega a ficar até mesmo escondida para continuar gravando sem perder o acontecimento, em algumas situações de improviso. Na única sonora, se assim podemos dizer, observa-se que a câmera está bem próxima ao rosto do sujeito e ele se encontra centralizado à tela. Os enquadramentos, portanto, tentam mostrar tudo pela visão de quem está dentro da situação. Assim, o cinegrafista, ou está no próprio ponto de conflito, um pouco mais afastado, mas direcionado ao ponto de maior ação. A predominância é de imagens feitas nesses pontos de conflito, onde há grande movimentação. As imagens em planos gerais acabam sendo complementares da situação, para situar quem assiste a respeito do local e da quantidade expressiva de pessoas presentes, por exemplo. Ainda nos elementos visuais, nota-se que a iluminação artificial não é trabalhada. Utiliza-se a luz do dia como recurso primordial para as gravações. A maioria dos planos é registrada durante o dia. Porém, as gravações finais são produzidas durante a noite, então, tem-se uma imagem de qualidade inferior, porém ainda visível.



Imagem 2: Movimentação da câmera – BH nas Ruas (22 de junho de 2013)

Por se tratar de manifestações, os vídeos trazem muita movimentação, confusão, barulho e desordem e, a todo o momento, buscava-se registrar os confrontos principais como tal ocorriam. Assim, tem-se a predominância da câmera instável nas gravações.

Em decorrência da movimentação da ferramenta de registro, as imagens acabam por perder a nitidez, quando são gravadas a partir de foco automático.

Quanto ao som na narrativa do vídeo BH nas Ruas existe uma predominância de ruídos e diálogos que não se consegue entender com tanta clareza. A primeira parte do vídeo é possível perceber conversas e, em algumas partes, é compreensível um pouco daquilo que é dito. Em boa parte vídeo não há a preocupação em se escutar os sujeitos participantes daquela ação. No final do registro esse tipo de construção é interrompido, quando o cidadão que registra a ação, escondido, é ameaçado pela polícia e busca gravar as palavras do policial contra ele e os que estão em volta. Esse mecanismo acaba sendo reforçado pelo recurso da legenda incluída nessa única parte do vídeo. Nessa produção não se utiliza trilha musical para construir o discurso. O próprio ruído do local é um recurso sonoro utilizado desde o início do vídeo, quando são mostradas as fotografias e os caracteres relativos à narração, processo esse que foi desconstruído na finalização do vídeo, no qual não se tem mais som de fundo, apenas a narração.

Além desses fatores, vale ressaltar que o vídeo não é feito unicamente de uma sequência de imagens e sons, sem interferências de pós-produção. No conjunto dos quatro vídeos dessa análise, ele pode ser considerado o que mais possui um recurso de montagem. Por se tratar de vídeos produzidos por diferentes autores e por seguinte reunidos para formar um só vídeo, aí já se tem um processo inicial de edição aditiva. Nessa construção, entre um vídeo e outro se utiliza a narração em caracteres como forma de transição entre eles. A narração também faz parte dessa edição, pois ela vem escrita. Assim como as legendas aparentes no final. Além disso, o uso das fotografias, dos prints e de fragmentos de vídeo de jornais inseridos são elementos que permitem dizer que o vídeo passou por uma montagem.

No vídeo do Rodrigo Sousa, o espaço em que se passa a história é representado pelas ruas. O cinegrafista está dentro dos protestos, rodeado de pessoas. Em relação ao narrador, a câmera se mostra centralizada do começo para o meio do vídeo, depois, do meio para o fim, devido à confusão e correria no local, passa a evidenciar situações de improvisado. Não há mais um plano médio e centralizado em relação ao autor. As imagens ficam mais instáveis e confusas. São tentativas de registros em momentos de grande ação. Sendo assim, a distância do cinegrafista e do narrador para o ponto de conflito não existe, pois eles estão dentro do acontecimento. Sempre de um ponto em que eles estão inseridos, o enquadramento se dá em planos gerais e planos próximos também. A iluminação é favorecida pela luz do dia e, mesmo ao entardecer, consegue-se ver as



imagens. Porém, a qualidade da imagem é baixa. Assim, mesmo com a luz natural, não há uma definição completa. Quanto às questões sonoras do vídeo, não há uma trilha musical específica. O que se percebe é a predominância do som ambiente, que se ajusta à imagem, além de diversos ruídos e dos diálogos entre os participantes. Nem mesmo quando há identificação de títulos e créditos por caracteres não existe som de fundo. Esse vídeo é feito por uma sequência de imagens e sons com interferência de pós-produção, pois se notam efeitos de transições de vídeo na mudança entre alguns dos planos filmados. O título, os créditos e as legendas também são considerados elementos que apontam para uma montagem. Há uma relação temporal explicitada, já que o autor do vídeo mostra fragmentos desse registro desde o início do protesto até ao entardecer. O vídeo tem apenas onze minutos e quarenta e um segundos. Assim, não retrata o percurso da manifestação num todo. Essa relação, casada aos cortes feitos e demarcados pelas transições entre os planos evidenciam que se trata de uma sequência com interferência de edição.

O vídeo de autoria e produção do Frei Gilvander é o que possui a característica do espaço narrativo mais distante dos outros acima apresentados. O espaço aqui é predominante a calma e a tranquilidade que se dá no percurso. Contudo, a ação se ocorre na rua e o ambiente está repleto de pessoas. Neste caso não há confusões. O vídeo é gravado como um todo somente no trajeto que eles fazem até o local proposto no começo do vídeo.

Em relação aos entrevistados, a imagem que se vê é feita a partir de planos bem próximos, salvo algumas entrevistas que começam em planos mais abertos e, conforme a fonte segue andando, o plano se aproxima dela. Nas imagens de faixas e cartazes, a câmera situa-se de forma que a leitura das mesmas seja possível. A filmagem é marcada pela presença de planos gerais e planos próximos, mas a constante das gravações segue em plano médio. O cinegrafista está dentro do acontecimento. Referente à iluminação, usa-se somente a luz do dia, tornando as imagens visíveis sem necessidade de outro recurso. Quanto à sonoridade, não há qualquer trilha musical. O que se escuta são apenas os sons diegéticos, como apitos, conversas e ruídos. Outro ponto a ser observado no vídeo é a edição. A princípio parece que se trata de uma sequência de imagens e sons sem interrupção, porém, logo quando o autor começa a ler e mostrar as imagens de faixas que as pessoas carregam, nota-se que houve utilização de efeitos de transição entre os planos, e não uma movimentação da câmera enquadrando outro espaço. O vídeo segue até o final dessa forma, com um efeito de transição discreto entre vários

planos. Esse é o elemento que indica algum tipo de montagem, uma vez que não há legendas, nem títulos e nem créditos.

No vídeo postado pelo grupo Dee Jays e Companhia, o espaço da narrativa é semelhante aos outros, principalmente ao segundo, pois a história vai sendo construída mostrando a manifestação desde o início do percurso (ainda tranquilo) até o ponto de conflito, onde há correria e confusão.



Imagem 3: Espaço narrativo: correria e confusão – Dee Jays e Companhia (22 de junho de 2013).

A câmera é instável. Ela se adapta às movimentações das pessoas. Dessa forma, não segue um plano e um enquadramento fixo. Ora são planos gerais, ora são planos bem próximos dos rostos das pessoas. O plano médio é o que predomina na filmagem. O cinegrafista não se mantém distante dos fatos. Ele participa deles e, com o plano médio, se tem a visão do entorno, das pessoas se movimentando, dando uma noção de onde ele se encontra e do que ele tenta filmar e narrar. A iluminação é a partir da luz natural. Com ela se consegue visualizar as imagens normalmente em maior parte do tempo, exceto quando há movimentos bruscos pela câmera causados pelos imprevistos da ação e pela luz contra do sol. O próprio cinegrafista retrata em off: “tá um pouco sol aqui, tá um pouco difícil de focalizar”. Nesse momento em questão, há um ponto de luz no meio da imagem, mas, ainda assim, se tem uma visão da multidão presente. Apesar de se presenciar uma imagem sem qualidade técnica, isso não fez com que o entendimento dos registros fosse prejudicado. Pode-se destacar a presença de um título mais elaborado, como uma espécie de vinheta e com fragmento sonoro ao fundo. Há

também uma legenda no final. Efeitos de transição entre planos também são usados, mesmo que poucas vezes. Agregando esse a outros elementos, como a vinheta e a legenda, tem-se o indicativo que houve uma montagem para chegar ao produto final divulgado.

O ambiente é de protestos. Assim há um estado de alerta entre as pessoas e os ruídos são constantes. Devido à confusão e correria, as pessoas que estão dentro das manifestações também não sabem o que esperar ou o que está prestes a acontecer, por isso estão sempre em alerta, atentas ao redor e não apenas como observadores dos fatos. Os ruídos, como tosses, medo, ansiedade e troca de relatos com os que estão em volta fazem parte das cenas e as complementam; são o que fazem dar sentido as imagens e geram expectativas em quem assiste.

### **3.5.3 Sentido ideológico**

A tecnologia possui papel fundamental para a construção da notícia. Todos os vídeos foram gravados por cidadãos comuns devido ao uso de alguma ferramenta de vídeo, seja celular ou câmera e, posteriormente compartilhados em redes gratuitas, onde qualquer usuário conectado à internet possa acessar. Mielniczuk (2001) classifica que o momento atual corresponde à terceira fase do jornalismo na web. Neste estágio, a facilidade no acesso para transmissões em áudio e vídeo indica também mudanças pelas quais o telejornalismo presencia para se contextualizar na web. Por meio dos registros que os cidadãos fazem, eles compartilham o que estão vivenciando para que outros tomem conhecimento daquilo e, de certo modo, transmitem uma mensagem, um discurso de opinião.

Neste tópico se tenta pensar sobre algumas questões, como: Qual a mensagem, a posição ou a ideologia do realizador? Ele aponta alguma defesa de ideia base? É possível perceber um discurso sendo transmitido?

No primeiro vídeo, BH nas Ruas, durante o decorrer da filmagem nota-se que há uma posição em relação aos manifestos. Mas isso só é possível por meio da narração explicitada em off. O narrador se posiciona quando diz que a ação dos policiais é “desproporcional e violenta”. Esse é o primeiro momento que há demonstração de uma postura específica. Até então só se via uma descrição dos acontecimentos mostrados. O vídeo encerra com um questionamento, após mostrar as imagens difundidas pela mídia tradicional local sobre os mesmos fatos registrados pelos próprios participantes dos

protestos. A frase final deixa claro que o realizador do vídeo assume uma ideia: ele é contrário ao que se tenta passar nos meios de comunicações tradicionais. Está a favor daqueles que estão protestando e defendendo seus interesses e direitos. Tem-se então, um discurso em evidência que sugere um ponto de vista e opinião sobre o tema para o espectador.

Para Rodrigo Sousa, do segundo vídeo, a posição do autor já transparece nos primeiros segundos a partir do título. Com a pergunta “Copa para quem?” e o subtítulo indicando para as manifestações que ocorreram durante a Copa das Confederações, o autor traz um questionamento que ele mesmo desdobra, ao longo do vídeo, dizendo que “não existirá Copa do Mundo enquanto existir violência”. Dessa forma, ele dá a entender com a pergunta inicial um ideal logo na abertura do vídeo. Ao decorrer das imagens, as falas do autor explicitam que ele é totalmente a favor dos cidadãos protestarem pelos direitos que lhes cabem. Ele aponta que, ao invés de terem eventos de futebol, as autoridades deveriam se preocupar com a violência e a politicagem em demasia no país. Ao longo do vídeo, o autor deixa ainda mais claro sua posição. Até então, só assemelhava-se a um cidadão narrando os fatos, porém, conforme os atos de represália da polícia sobre a multidão vão acontecendo, ele altera seu tom de voz e expõe por completo sua opinião. De toda forma, ele explicita um tipo de discurso que apresenta aquilo que acredita, da sua postura frente a algumas das mazelas sociais do país. Sua visão se dá também a partir do que é mostrado nos registros e na maneira como ele vivencia aquele exato momento.



Imagem 4: Narrador expõe opinião – Rodrigo Sousa (22 de junho de 2013)

O terceiro vídeo, de autoria do Gilvander Luís Moreira, não deixa uma posição concisa sobre o tema. O autor expõe, verbalmente, sua opinião em poucas expressões, como “que beleza!” - dita após a leitura de um cartaz, ou ainda quando narra o motivo da população estar reunida, utilizando a expressão “injustas” para referir-se às ações do *país* para com seu povo. Os dois momentos podem sugerir que ele apoia aquele movimento, mesmo não defendendo uma ideia base pelas próprias palavras. Mas o espaço onde se constrói a narrativa é de calma, de pessoas em busca dos seus ideais e isso é notado pelas falas dos entrevistados, explicitando que cada um está ali por um motivo determinado. Sendo assim, ele acaba por mostrar um discurso, mas, novamente, sem utilizar diretamente de sua fala, mas sim, das palavras proferidas pelos demais manifestantes.

No vídeo *Deejays e Compania* o autor defende uma ideia por meio da narração. Conforme passa os acontecimentos, ele acaba por expor sua opinião. O cinegrafista assume a posição de que a manifestação deve ser pacífica e se mostra totalmente contra os vândalos. Apesar de buscar ficar a certa distância daqueles mais rebeldes, ele procura fazer imagens deles com a possível finalidade de saber quem são essas pessoas, quando diz: “talvez essas imagens possam ajudar a identificar esses criminosos aí”. Ele também expõe que não concorda com a ação agressiva dos policiais no protesto. Traz então, por meio da fala, sua posição diante do fato e das imagens que ele está presenciando e registrando.

#### 4. Considerações finais

Este trabalho partiu do objetivo de analisar semiologicamente os quatro vídeos selecionados para identificar se existem aproximações entre essas produções independentes, desenvolvidas para veiculação na *web*, e também se esse tipo de produção pode alterar e até criar desdobramentos dentro da linguagem audiovisual. A pesquisa compreende um estudo de caso desses vídeos e apresenta quais características são responsáveis por construir a narrativa audiovisual desse modo de produção.

Como nossa pesquisa trata de produtos audiovisuais inseridos no meio virtual, foi estudado como surgiu o telejornalismo na *web* e as possibilidades que as características da rede oferecem ao jornalismo audiovisual. Também foi estudado sobre as práticas colaborativas, a forma de atuação de alguns coletivos como, por exemplo, o grupo Mídia Ninja, cuja maneira de trabalhar e seus produtos originam aproximações com as características das construções narrativas presentes nos vídeos selecionados.

No estudo de caso, além do mecanismo de descrição dos vídeos, foi delimitado três sentidos para análise: sentido narrativo, visual e sonoro e, por último, o sentido ideológico. No sentido narrativo foi possível constatar que a história pode ser narrada por quem filma e também por outra pessoa. Os fragmentos de narração encontrados em off foram feitos tanto na terceira pessoa, como na primeira pessoa. Normalmente, o autor das imagens participa ativamente das ações captadas e, algumas vezes, pode contar com alguém o ajudando. Outras vezes pode estar sozinho e assumir a função de narrador e cinegrafista, e também de repórter, promovendo algumas passagens ou ainda conduzindo pequenas entrevistas. Percebe-se também que o narrador conhece o que acontece tanto quanto os personagens ali envolvidos e não sabe o que esperar dos fatos. A narração é marcada por cenas de improvisos.

No sentido dos significantes visuais e sonoros é possível dizer que o espaço da narrativa se dá na rua, dentro do acontecimento e cercado de pessoas. A câmera é instável e não segue um plano fixo, muito pelos imprevistos que acontecem e pelo constante deslocamento. A falta de conhecimento técnico sobre o uso dos equipamentos também pode ter contribuído para algumas imperfeições no processo de captação. Os planos de imagem são variados, podendo ser gerais, médios e ora muito próximos. A iluminação é natural, usa-se da luz do sol, sem adição de refletores de luz artificial. Mesmo quando está à noite a captação continua da mesma maneira.

Quanto à banda sonora, o que predomina são os ruídos e vozes dos diálogos locais, ou seja, os sons diegéticos. Os vídeos possuem montagem e não são gravados em uma sequência direta de imagens e sons. Há interferências de pós-produção, como transições entre planos, acréscimo de legendas, títulos e créditos.

Refletindo sobre o sentido ideológico acredita-se que os realizadores dos vídeos defendiam uma posição sobre o assunto e transmitiam uma mensagem a partir daqueles produtos. A mesma posição pode ser observada por meio da narração em off, das falas dos diálogos entre agente realizador e entrevistados, a partir dos créditos na tela e também de algumas passagens daqueles agentes que assumiram uma posição próxima ao do repórter de TV. Boa parte dos discursos eram formados de construções que defendiam os manifestantes e as ações por eles desenvolvidas. Contudo, pode-se notar que não há um padrão definido no sentido narrativo, sonoro e visual para esse tipo de produção. Cada vídeo possui uma especificidade.

No sentido ideológico o narrador é livre para expor as opiniões e ideias. A qualidade da produção acaba sendo não sendo prioridade, uma vez que o objetivo é registrar as ações nas condições possíveis, participando dos acontecimentos, transmitindo o que eles vivenciam e expondo um posicionamento bastante pessoal. Com a presença de uma posição ideológica explícita na narrativa dos vídeos é possível pensar que esses produtos apresentam um tipo de discurso mais livre e próximo desses consumidores-realizadores.

Diante da abordagem desses elementos, essa pesquisa desejou contribuir para a construção de um possível percurso a fim de se compreender o discurso narrativo e as novas linguagens criadas por esse tipo de produção audiovisual independente e/ou colaborativa na *web*. Em última instância este estudo também buscou despertar o interesse de novos pesquisadores frente à necessidade de que o referido tema continue sendo debatido em futuras investigações.

## Referências

- ANDRADE, Priscilla; ANTOUN, Henrique. **Expressões Ninjas: uma cartografia da #Mídia Ninja nas Redes Sociais.** In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vila Velha: Intercom, 2014. p. 1-14.
- ÁVILA, Marcos Reche. **Mídias alternativas VS Mídias tradicionais: as manifestações de junho de 2013.** In: II Colóquio Semiótica das Mídias. Alagoas: CISECO, 2013. p. 1-15.
- BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção.** In: Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, dez 2005. p. 51-64.
- BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **O Telejornalismo na Era Digital.** In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: SBPJor, 2008. p. 1-15.
- BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas.** In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.40, dez 2009. p. 44-50.
- BENTES, Ivana. **Estéticas Insurgentes e Mídia-Multidão.** In: Liinc em Revista. v 10 – n.1. 2014. p. 330-343.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **Interatividade, hipertextualidade multimídia e convergência no processo de cobertura de protestos pelo coletivo Mídia Ninja.** In: ALCEU. v 14 – n. 28. jan/jun 2014. p. 188 – 201.
- BRASIL, Antonio. **Convergência Midiática: A TV e os telejornais se encontram na internet.** 2011. p. 1-19.
- BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira Moratti. **Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais.** In: Sessões do Imaginário: Porto Alegre. v 18 – n. 30. 2013. p. 127-136.
- CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom, 2014.
- CASELLI, Thais; COUTINHO, Iluska. **Webjornalismo Audiovisual: as Características do Jornalismo Online na TV Terra.** In: XIX Prêmio Expocom 2012. Intercom, 2012. p. 1-10.
- EMERIM, Cárilda. **A produção do telejornal: da tevê aberta para a web.** In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro: SPBJor, 2011. p.1-15.
- ERTHAL, Ana Amélia. **O Jornalismo tradicional e as narrativas independentes. O caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil.** In: Central de Cases ESPM. Rio de Janeiro: ESPM, 2014. p. 4-10.
- FONSECA, Virginia; Lindemann, Cristiane. **Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas.** In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.34, dez 2007. p. 86-94.
- GRIJÓ, Wesley; SOUZA, Kairo Vinícios. **Jornalismo audiovisual em tempos de convergência midiática: A produção de webvídeos no Brasil.** In: Cadernos de Comunicação, v 18, n.2, 2014. p. 35-50.
- JÚNIOR, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana; ROCHA, Heitor. **A Influência do Telejornalismo na Construção Social da Realidade: O Poder da Mídia na Definição da Realidade e a Construção da Coprodução.** In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom, 2013. p. 1-14.
- KALIKOSKE, Andres. **Padrões tecno-estéticos e hegemonia televisiva no Brasil.** In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Rio Grande do Sul: Intercom, 2010. p. 1 – 18.



- Manifestação em Belo Horizonte** - Copa das confederações 22/06/2013, Rodrigo Souza <<http://youtu.be/gHktInaIgjM>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- Manifestação em Belo Horizonte dia 26 de junho de 2013: POVO SE UNINDO NA LUTA POR DIREITOS**, Gilvander Moreira <<http://youtu.be/gHktInaIgjM>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- Manifestações 2013 UFMG Pampulha BH, MG – Deejays e Companhia**<<https://www.youtube.com/watch?v=Ktfj9JqYD7M>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. 2001. p. 1-9.
- NOGUEIRA, Leila. **Quebrando o espelho: Uma análise comparativa do jornalismo nas TV's UOL e UERJ online**. In: I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília, 2003. p. 1-10.
- PRETTO, Nelson. **Sáimos do Facebook: o que quer nas ruas a geração alt+tab?**. In: Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. 2013. p. 1-8.
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. In: Contracampo (UFF), v 14, 2006. p. 37-56.
- Protestos em BH - 22 de junho de 2013 - Vídeo feito por colaboradores do BH nas Ruas, BH nas Ruas** <<http://youtu.be/8DKqwUwZGxA>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo: telejornalismo na web**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom, 2013. p. 1-15.
- ROSAS, Juliana de Amorim. **Mídia Ninja, mídia tradicional e accountability**. In: Ciclo de debates sobre jornalismo. 28 de outubro a 01 de novembro/2013. p. 1-12.